

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

CAROLINA ISRAEL MONTICELLI

**CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E SUAS RELAÇÕES NO USO DAS MÍDIAS EM
EDUCAÇÃO**

**Porto Alegre
2015**

CAROLINA ISRAEL MONTICELLI

**CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E SUAS RELAÇÕES NO USO DAS MÍDIAS EM
EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientador: Prof. Dr. Érico Amaral

**Porto Alegre
2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

... agradeço à Deus pela força, fé, sabedoria e amparo espiritual que vivenciei nos momentos mais limitadores na construção deste trabalho.

... ao meu marido e amigo Denis que sempre me compreendeu e apoiou, incentivou nos momentos de desânimo, colaborou no dia-a-dia para que este momento acontecesse de forma mais leve sendo solícito à todos meus pedidos de ajuda.

... à minha irmã Sarita que me disponibilizou uma forma mais saudável de escrita frente às dificuldades físicas.

... às minhas amigas e colegas Ângela e Roselma que acreditaram que tudo era possível. Diariamente me indagavam e compartilhavam seu interesse no meu projeto.

... ao meu amigo e colega Paulo que me iniciou neste projeto mostrando possibilidades para meu crescimento profissional.

... à direção da minha escola que acolheu este momento e minhas reivindicações e, aos professores entrevistados que se dispuseram a participar sendo os principais atores desta reflexão. Essa escola sempre me trouxe muitas vivências importantes e relações humanas que motivam o meu estar diário neste lugar. Obrigada!

... aos professores do CINTED/UFRGS; ao meu professor orientador Érico Amaral pelas saberes partilhados, e à professora Liane Tarouco e a Angélica pela oportunidade de ampliação no tempo de construção do trabalho e por nosso encontro que proporcionou organizar o trabalho a partir das sugestões de embasamento e indicações de mudanças que fizeram avançar a escrita.

... a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram à minha formação continuada e à finalização deste trabalho.

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Eduardo Galeano

RESUMO

A educação sempre foi um campo de muitos paradigmas e inúmeras discussões acerca de seus fundamentos. O curso de especialização Mídias na Educação fomenta a importância do uso das mídias dentro da escola qualificando o processo de ensino e aprendizagem, incentivando a autoria de alunos e professores e integrando as mídias no espaço escolar. Assim, o presente trabalho surgiu a partir de questionamentos levando em conta as observações da realidade física, de infraestrutura e da existência de práticas que incluem o uso das mídias dentro de uma escola municipal de ensino fundamental de Porto Alegre, contrapondo com o conhecimento compartilhado e construído ao longo no curso. A cada aprendizagem surgia a necessidade de constatar e repensar as condições e a disponibilidade de equipamentos no laboratório de informática, na sala de Multimeios, observar como nós professores fazemos uso das ferramentas e equipamentos disponíveis e perceber se os alunos vivenciam práticas com estes recursos tecnológicos de forma interligada à uma realidade prática. Portanto, essa pesquisa tem como objetivo investigar, conhecer e problematizar as relações e concepções de professores sobre o uso das mídias em educação. A pesquisa foi desenvolvida através de um questionário com 13 professores que atuam anos iniciais e finais do ensino fundamental em uma escola municipal de Porto Alegre. O questionário era composto principalmente abordando aspectos sobre: O que pensam os professores sobre o uso da mídia? Quais as convergências e divergências entre as concepções de professores sobre o uso das mídias em sala de aula e os estudos atuais? Quais são os desafios e dificuldades levantadas pelos professores? As concepções dos professores determinam suas ações pedagógicas? Os resultados indicam que os professores apesar de estarem familiarizados com as mídias, o fazem no uso pessoal com frequência e intenção, mas no uso pedagógico demonstram conhecimento mais limitado. Diferenças em relação ao tempo de docência ou idade não foram parâmetros para determinar maior ou menor uso. Este estudo constatou que é preciso ampliar o diálogo sobre as mídias na escola em questão aprofundando elementos teóricos e metodológicos, que permitam maior aproximação dos professores ao seu uso, o que só é possível através de formação continuada e na construção de fundamentos educacionais coletivos, visando uma integração efetiva entre vida social e vida escolar, resignificando aprendizagens e concebendo o aluno como sujeito autônomo e crítico no processo educativo.

Palavras-chave: Mídias, Educação, Concepções, Professores.

ABSTRACT

Education has always been a field of many paradigms and numerous discussions on its foundations. The specialization course in Media Education fosters the importance of using the media inside the school describing the process of teaching and learning, encouraging authorship of students and teachers and integrating media at school. Thus, this study arose from questions taking into account the observations of physical reality, infrastructure and the existence of practices that include the use of media within an elementary school public school in Porto Alegre, in contrast with the shared knowledge and built along the course. Each learning arose the need to observe and rethink the conditions and the availability of equipment in the computer lab in Multimeios room, observing how we teachers make use of tools and equipment available and see if students experience practical with these technological resources interconnected to form a practical reality. Therefore, this research aims to investigate, learn and discuss the relationship and teachers' conceptions about the use of media in education. The research was conducted through a questionnaire with 13 teachers who work early and final years of elementary education in a public school of Porto Alegre. The questionnaire consisted mainly addressing issues of: What do the teachers think about the use of media? What are the similarities and differences between teachers' conceptions about the use of media in the classroom and the current studies? What are the challenges and difficulties raised by teachers? The conceptions of teachers determine their pedagogical actions? The results indicate that although the teachers are familiar with the media, do personal use frequently and intent, but in the pedagogical use demonstrate more limited knowledge. Differences in relation to the teaching of time or age were no parameters to determine a greater or lesser usage. This study found that we must broaden the dialogue on the media at the school in question deepening theoretical and methodological elements that allow greater proximity of teachers to their use, which is only possible through continuing education and the construction of collective educational foundations in order effective integration of social life and school life, redefining learning and conceiving the student as autonomous and critical subject in the educational process.

Keywords: Media, Education, Views, Teachers.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Proporção de professores sobre possíveis obstáculos	23
Gráfico 2: Tempo de docência dos professores.....	28
Gráfico 3: Idade dos professores	29
Gráfico 4: Mídias mais utilizadas pelos professores	32
Gráfico 5: Recursos obtidos na <i>internet</i> para preparação de aulas ou atividades com os alunos.....	34
Gráfico 6: Importância/Relevância do uso das mídias para os professores	35
Gráfico 7: Finalidade no uso das mídias fora da escola	36
Gráfico 8: Finalidade no uso das mídias dentro da escola	36
Gráfico 9: Contexto de uso das mídias com os alunos.....	37
Gráfico 10: Proporção de professores por frequência das atividades realizadas com os alunos.....	37
Gráfico 11: Dificuldades e angústias dos professores em relação ao uso das mídias	39
Gráfico 12: Participação dos professores em cursos e formações na área das novas tecnologias.....	41
Gráfico 13: Cursos divulgados pela RME.....	41
Gráfico 14: Situação da infraestrutura e equipamentos da escola.....	42
Gráfico 15: Indicações de melhorias na infraestrutura e equipamentos da escola	42
Gráfico 16: Proporção de escolas por velocidade de conexão à <i>internet</i>	43
Gráfico 17: Desafios no uso das mídias na escola	44
Gráfico 18: Instituição responsável pelo programa de capacitação dos professores.....	45
Gráfico 19: Proporção de professores por modo de acesso ao curso de formação	46
Gráfico 20: Situação do uso das mídias: Realidade DISTANTE x ATUAL	46
Gráfico 21: Fatores que caracterizam o uso das mídias como DISTANTE da escola.....	47
Gráfico 22: Fatores que caracterizam o uso das mídias como ATUAL na escola	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CETIC	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério de Educação e Cultura
RME	Rede Municipal de Ensino
SMED	Secretaria Municipal de Educação
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Problema de Pesquisa	13
1.2 Objetivo Geral	13
1.3 Objetivos Específicos	13
1.4 Estrutura do Trabalho	14
2. MÍDIA E EDUCAÇÃO: buscando aproximações	15
2.1 Mídias na Atualidade.....	17
2.2 Dificuldades no Uso das Mídias Dentro da Escola.....	21
3.METODOLOGIA	25
4. CONCEPÇÕES E RELAÇÕES DOS PROFESSORES NA ESCOLA INVESTIGADA.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	54
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO	55

1. INTRODUÇÃO

Muito já se discutiu e se discute a respeito da presença e do uso das mídias dentro da escola. Mas, a reflexão sobre o uso das mídias num contexto específico é apenas um parâmetro, ou seja, acontece segundo as relações e dinâmicas que se dão dentro de um espaço único, neste caso a escola municipal investigada.

Entre as inúmeras discussões sobre o fato de as mídias não fazerem parte efetivamente do processo educacional estão: a falta de formação, a precariedade nos equipamentos e infraestrutura, falta de conhecimento e/ou domínio das ferramentas disponíveis, dispersão dos alunos nas aulas, etc. Concordo com Almeida (2008) quando afirma que o desafio da educação no uso das tecnologias vai além da disponibilidade das mesmas, perpassando pela formação dos professores, pela ampliação dos tempos e espaços da escola, pela própria concepção de currículo que deveria surgir das relações e problemáticas cotidianas que alunos e professores vivenciam no ambiente escolar.

Muitos autores como Belloni (2001) e Tornaghi (2010) têm questionado e problematizado as mudanças emergentes na escola e à distância ainda existentes entre a sociedade e as instituições escolares. Tornaghi (2010) explicita que a tecnologia estar presente na escola não garante a mudança e a mesma sim decorre “do que fazemos com ela, do que decidimos fazer com ela.” O autor também afirma que a relação com o conhecimento em tempos de cibercultura deve ter outro viés, ou seja, o de preparar o aluno para a vida tendo uma atitude crítica e participativa aprendendo continuamente, e para “lidar com o conhecimento como algo sempre inacabado...”.

Neste contexto, a educação suscita novas organizações no espaço, tempo e estrutura da escola. Há algumas mudanças que são emergentes frente aos novos paradigmas da educação e à chegada de novas tecnologias dentro da escola. No atual contexto tecnológico informacional para um educador poder interagir na frequência das relações criativas com a geração contemporânea são necessárias ações pedagógicas fundamentadas em linguagens similares. Considerando que devemos estar sempre abertos a novas dinâmicas que motivem a ação pedagógica e contemplem em curtos espaços de tempo a aprendizagem dos alunos, sempre respeitando o tempo de cada um, devemos incentivá-los capacitando-os com o conhecimento tecnológico, científico e interdisciplinar. A própria LDB, o MEC, o FUNDEB, o Governo Federal e a mantenedora em Porto Alegre (SMED) reforçam a necessidade de oferecer um ensino de qualidade, onde os conteúdos e recursos qualifiquem o cidadão para viver na sociedade moderna tecnológica.

Há quem acredite que o uso da tecnologia seja prática inerente dentro das escolas visto que há muito tempo esta faz parte do cotidiano das pessoas na sociedade atual. Também se considera que, o fato de os professores que lecionam e os que brevemente lecionarão nas escolas terem tido uma formação imersa na tecnologia e terem “nascido” numa era digital, seja fator determinante para que num futuro próximo o uso da tecnologia não seja mais um desafio.

Prensky (2010) expõe a dicotomia entre os “imigrantes digitais” referindo-se aos professores, adultos que tiveram que aprender a lidar com as tecnologias, mas que ainda se sentem “desconfiados” no uso; e os “nativos digitais” referindo-se aos alunos, que são as crianças que nasceram a partir do final da década de 80 e que, por terem vivenciado muito cedo esta sociedade digital, tem habilidades e aprendizagem diferenciadas. O autor afirma que o cérebro dos dois, “imigrantes” e “nativos”, são diferentes e, portanto, explicável a dificuldade de interação entre ambos, a resistência e rejeição dos alunos frente à uma cultura diferente e imposta.

Mas, por que ainda encontramos escolas distantes desta realidade? Por que isto ainda é um desafio? Quais são os obstáculos e as dificuldades encontradas na escola em questão?

É preciso refletir também o papel da escola nos dias atuais. Fora dos muros da escola, nós aprendemos constantemente com interatividade, recebemos as informações de forma imediata, *on-line*, com todo tipo de mídias disponibilizadas para nossas necessidades cotidianas. Aprendemos de forma muito mais prazerosa, de forma mais próxima de nossa realidade, encontrando mais significado para nossas questões de vida. A escola tradicional se torna mais distante e menos atraente com sua organização rígida e descontínua. O aluno de hoje incita um novo posicionamento, ser responsável pelo seu conhecimento e conhecer as possibilidades e dominar as mais variadas tecnologias. Acredito que a mudança requer um esforço coletivo de diferentes atores: professores, alunos, gestores, e demais pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem.

O professor também deve dominar o uso das mídias, e conhecer tanto suas limitações quanto seus recursos para melhor orientar o trabalho pedagógico e enriquecer a construção do conhecimento por parte do aluno. Sabemos que muitas vezes o professor utiliza as tecnologias e mídias “mascarando” antigas metodologias. A escola muitas vezes também utiliza as novas tecnologias e mídias como alternativa para a falta do professor e, outras vezes, desvaloriza o seu uso, não as considerando como ação pedagógica efetiva. Alguns professores resistem ao seu uso e desconsideram a sua presença no cotidiano do aluno e da escola. O papel do

professor é fundamental e precisa ser revisto. É necessária a construção de novas posturas frente às inovações e demandas da educação.

1.1 Problema de Pesquisa

O presente trabalho surgiu a partir de questionamentos feitos no decorrer do curso de especialização em Mídias na Educação levando em conta as observações da realidade física, de infraestrutura e da existência de práticas que (ex)incluem o uso das mídias dentro da escola investigada, contrapondo com o conhecimento compartilhado no curso. Considerando que a autora desta pesquisa leciona na escola em questão, a cada aprendizagem surgia a necessidade de constatar e repensar as condições e a disponibilidade de equipamentos no laboratório de informática, na sala de Multimeios, observar e refletir como o professor deve fazer uso das ferramentas e equipamentos disponíveis e perceber se os alunos vivenciam práticas com estes recursos tecnológicos de forma interligada à uma realidade prática.

Refletir o porquê destas questões é imprescindível para que se repense a prática pedagógica e analise as relações (professor/mídia, aluno/mídia, rede de ensino/formação/recursos, etc.) que se dão no espaço escolar, a fim de trazer contribuições a partir do estudo para compartilhar na escola.

Mas, quais as mudanças na escola investigada necessárias para garantir uma prática inclusiva e o uso intencional das tecnologias dentro da escola? Adjacente a esta problemática será questionado o papel dos professores como responsáveis por estas mudanças. Por isso, é de extrema importância discutir e problematizar as relações e as concepções dos professores sobre as mídias na educação.

1.2 Objetivo Geral

A pesquisa “Concepções de professores e suas relações no uso das mídias em educação” desenvolvida como Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Mídias na Educação da UFRGS tem como objetivo investigar, conhecer e problematizar as relações e concepções de professores sobre o uso da mídia em educação.

1.3 Objetivos Específicos

Este trabalho apresenta os seguintes objetivos específicos:

- refletir as concepções e relações dos professores da escola investigada com as mídias percebendo suas aproximações e distanciamentos com os pressupostos dos estudos atuais;
- abordar questões presentes no cotidiano escolar, problematizando a visão dualista das mídias expondo seus reflexos;
- repensar o contexto da educação, bem como as ações de seus integrantes, identificando entraves e avanços na inclusão das mídias dentro da escola.
- construir um diálogo inicial contribuindo para que os professores a partir do que foi discutido possam se reposicionar frente ao seu fazer docente.

1.4 Estrutura do Trabalho

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos. Inicialmente no capítulo *Mídia e Educação: buscando aproximações* são apresentadas algumas indagações que permeiam a educação, entrelaçando alguns elementos-chave que integram a educação como a escola, o professor, o aluno, o ensinar e o aprender e as mídias dentro deste contexto. Também explícito pressupostos discutidos por diferentes autores sobre as mídias na atualidade, bem como seu conceito, que foram a base para que eu direcionasse meu olhar para as análises encaminhando a problematização proposta por esta pesquisa.

Em um segundo momento, no capítulo *Metodologia* encontra-se detalhado a opção metodológica utilizada, as questões de pesquisa que permeiam o estudo, a justificativa na escolha da escola e a definição dos professores participantes, e como foi procedida a coleta dos dados.

No capítulo *Concepções e relações dos professores na escola investigada* são apresentados os sujeitos da pesquisa e feitos apontamentos em relação aos dados coletados, além de questionamentos acerca das concepções e considerações dos professores expostos nos questionários.

Nas *Considerações finais* são retomadas questões que ficaram evidentes neste trabalho e que contribuiriam de alguma forma para atuais e futuras reflexões acerca desta temática.

2. MÍDIA E EDUCAÇÃO: buscando aproximações

A educação sempre foi cerceada por muitos desafios, paradigmas, teorias de aprendizagem, “modismos”. Ela está também intrinsicamente ligada às mudanças sociais, políticas e econômicas de um país e do mundo. A escola é um espaço que instigou e instiga diversos estudos e análises sobre a aprendizagem dos alunos e das práticas dos professores. Antes mesmo da revolução tecnológica se fazer presente a partir do final do século XX já se questionava as relações professor-aluno – a dicotomia do professor é aquele que ensina e o aluno aquele que aprende (Freire, 1996) - e os processos educacionais na busca por respostas aos fracassos escolares e à contextualização do processo educacional. Ainda é notável que a escola não avançou muito em suas práticas e que muito ainda é preciso ser feito para modificar a sua práxis. Muitas escolas não acompanharam com o mesmo ritmo as mudanças vividas pela sociedade.

O aluno de décadas atrás não é mais o mesmo nos dias de hoje. Portanto, é compreensível que a aula que “dava certo” não funcione mais. O aluno atual nasce e cresce imerso na tecnologia. Veen (2009) traz um conceito interessante para definir as crianças da geração contemporânea chamando-os de “Homo zappiens” e explicita suas novas habilidades, seus reais interesses e sua relação com a escola. Ele faz um comparativo entre o “Homo zappiens” e a “escola”, afirmando que o primeiro é digital e a segunda é analógica. São as crianças e adolescentes que usam múltiplos recursos tecnológicos, tem acesso a uma variada fonte de informações e já muito cedo vivencia o uso das tecnologias. Sobre o “homo zappiens” o autor o descreve:

O Homo zappiens é um processador ativo de informação, resolve problemas de maneira muito hábil, usando estratégias de jogo, e sabe se comunicar muito bem. Sua relação com a escola mudou profundamente, já que as crianças e os adolescentes Homo zappiens consideram a escola apenas um dos pontos de interesse em suas vidas. Muito mais importante para eles são suas redes de amigos, seus trabalhos de meio-turno e os encontros de final de semana. O Homo zappiens parece considerar as escolas instituições que não estão conectadas ao seu mundo, como algo mais ou menos irrelevante no que diz respeito à sua vida cotidiana. (VEEN, 2009, p. 12)

As crianças e os jovens de hoje constroem conhecimento e têm experiências permeadas pelas mídias. Com relação a estes “novos” comportamentos dos alunos que fazem parte do nosso contexto educacional e de nossa sociedade Veen (2009) complementa afirmando que:

O comportamento social nunca se desenvolve no vácuo, e boa parte do nosso comportamento é influenciada pelo contexto social em que crescemos. O que as crianças fazem e o que pensam é o resultado da interação com o que está ao seu redor, o mundo externo. E desde muito cedo – já que o mundo lhes chega por meio da televisão, do telefone e da internet – a influência é importante. Mais importante ainda porque o mundo está mudando rapidamente por meio dos efeitos revolucionários das novas tecnologias. (VEEN, 2009, p. 28)

Crianças e adolescentes estão crescendo em uma sociedade que utiliza novas formas de comunicação, vivencia novas formas de se relacionar dentro e fora do núcleo familiar, novas relações de trabalho, novas formas de consumir, novas formas de ser e estar no mundo.

Pode-se dizer que a escola de um modo geral não consegue ainda “dar conta” deste aluno e das suas necessidades e demandas de vida. Então, tanto as novas formas de aprender quanto o uso das novas mídias permanecem constantemente um campo a ser desvendado e desafiado pela educação. Reforço aqui que um aspecto importante e pouco fomentado (principalmente nos meios acadêmicos) na educação é o aprender a aprender. Belloni (2001) aponta a relevância de novas formas de aprender por meio das mídias e sinaliza a urgência frente a uma nova “autodidaxia” que emerge e vem se desenvolvendo nos jovens ao longo dos anos.

A LDB assinala a necessidade de a educação escolar trabalhar com conteúdos e recursos didáticos que qualifiquem o cidadão para a vida na sociedade moderna tecnológica. A educação escolar pode por meio de seu ensino de qualidade, constituir-se numa via de acesso à formação de cidadãos que sejam capazes de compreender o mundo em que vivem participar e, sobretudo, transformá-lo.

Aprender, hoje, requer mediação, construção coletiva, autonomia, criticidade e postura ativa. A aprendizagem acontece além do espaço escolar, mas a função social da escola é imprescindível uma vez que é um espaço de difusão de conhecimento e de vivência social e cultural que ainda tem papel fundamental na formação ética, emocional e intelectual do indivíduo, bem como na construção de suas relações com o outro e com o conhecimento. Pensar qual é a escola que temos e projetar qual a escola que a sociedade anseia ter é um movimento permanente e que deve integrar diferentes responsáveis por ela, ou seja, gestores, professores, alunos, famílias e as instituições mantenedoras da educação.

As novas tecnologias de comunicação e informação estão presentes no cotidiano das pessoas em todo o mundo. Por muito tempo, as tecnologias foram privilégio de alguns. Hoje, ela é acessível à maioria das pessoas. A comunicação nos dias atuais é instantânea. É possível conversar com pessoas em qualquer tempo e espaço. Antigamente, era necessário ir a uma biblioteca ou consultar enciclopédias. Para realizar trabalhos individuais ou em grupo era

necessário deslocar-se. Nos últimos vinte anos, com a democratização do computador e da internet temos a informação ao alcance de um clique. A informação e o conhecimento não são mais peculiaridades únicas da escola e se dão em espaços variados, em contextos múltiplos. Como nos traz Almeida (2008) o conhecimento está em todos os lugares e num futuro próximo, repensando não só o conceito de escola, mas de currículo, “teremos a escola no mundo e o mundo na escola”.

Se por um lado há um ganho na acessibilidade e rapidez com que temos a informação, é necessário um maior cuidado com o que se lê e se escolhe como fonte de informação. É pertinente também refletir e diferenciar informação e conhecimento, orientando os alunos sobre o que fazer com a informação para transformá-la em conhecimento e aprender a consultar a veracidade do que é disponibilizado ao leitor. Fazer uso das mídias por si só não é garantia de conhecimento construído. Moran (2001, p. 30) questionando a construção do conhecimento e os elementos que envolvem e facilitam o ensinar e aprender diz que a informação e os dados disponibilizados e obtidos através das tecnologias são cada vez menos dependentes do professor, sendo seu papel principal o de mediador auxiliando o aluno “... a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los”. Ainda segundo o autor a informação é a primeira ação para conhecer, que requer ir além “da superfície”.

Então, como a escola tem inserido as tecnologias e mídias na educação atual? Professores e alunos têm conhecimentos, competências e habilidades para o seu uso? Sabe-se que muitas experiências com o uso das mídias na educação têm sido bem sucedidas. Porém, ainda não são suficientemente expressivas comparando-se o tempo em que as mesmas estão presentes na vida cotidiana dos envolvidos no processo educacional. Prós e contras ainda são debatidos e levantados mantendo um cenário aquém da evolução que a sociedade presencia em termos tecnológicos.

2.1 Mídias na Atualidade

Discutindo esses paradigmas que permeiam a educação e abordando a temática principal deste trabalho, é importante entender aqui o conceito de mídias no campo educacional na atualidade. O termo “mídia” é encontrado amplamente em diferentes estudos em áreas como Comunicação, Ciências Sociais, Informática. Porém, o termo Mídia ligado à Educação (Mídia-Educação) é bastante recente e ainda frágil visto que ainda é pouco valorizado na formação tanto inicial quanto continuada dos professores, além das dificuldades e complexidades que esta aproximação faz surgir. Este termo ainda não é universal.

As conceituações e discussões na área de Mídia-Educação estão presentes há bastante tempo e estiveram suscetíveis a transformações no decorrer do século XX. Em 1920 já havia estudos sobre as mídias conceituando-as como “mass mídia” ou “meios de comunicação de massa”. Essas mídias (rádio, televisão, cinema, escrita impressa em livros) eram disponíveis a um grande número de pessoas e também exerciam uma influência nos estilos de vida e no comportamento das pessoas, além de informar e divertir. Essas mídias não permitiam escolha por quem a “consumia” tendo que aceitar o que era oferecido, tendo baixíssimo poder de decisão.

Isto tudo foi impulsionado por grandes transformações na época como o surgimento de impressoras a vapor, papel jornal com custo mais acessível, transmissões por ondas eletromagnéticas e o computador.

Já entre as décadas de 40 e 60 a televisão tomou proporções maiores assim como teve grande influência na geração. Tornou-se um dos principais veículos de disseminação da informação e com propósitos homogeneizadores na educação. A partir deste marco as mídias foram instigando novos e paralelos estudos, além de reflexões sobre o que já havia sendo delineado. Então, desde a década de 70 o campo chamado Mídia-Educação vem se ampliando e conquistando novas terminologias. Assim, as mídias têm difundindo-se num sistema inter-relacionado e caminhando para uma crescente convergência.

Atualmente, o termo mais comumente utilizado e que flexibiliza de forma clara e abrangente seu conceito é o termo “mídias”. A expressão “mídia” é grafada aqui no Brasil considerando a pronúncia do inglês da palavra latina “media”, plural de “medium”, que significa meio. Portanto, “mídias” seria um duplo plural e que tem como objetivo atribuir maior especificidade a cada mídia. Como ressalta Santaella (1992, p. 138) o termo “mídias” no plural põe em destaque os “traços diferenciados” das mesmas e para situar a cultura que “nasce nos trânsitos, intercâmbios e misturas entre os diferentes meios de comunicação”.

O conceito a ser utilizado neste trabalho é o apresentado e disponibilizado no material do curso de Mídias na Educação (BRASIL, Etapa 1, 201?) que aborda “mídias” como meios que permitam a emissão e recepção de mensagens. O conceito abrange mídia como suporte para difusão e veiculação da informação (rádio, televisão) e para gerar informação (máquina fotográfica, filmadora, etc) podendo ser organizada pelo modo como a informação é transformada e difundida (impressa, eletrônica, digital) além do aparato físico para registro de informações (fitas, cd-rom, DVD's). Assim, vários são os elementos que compõem o substrato da mídia: a palavra escrita, o discurso oral, o som, a imagem estática e em movimento.

As mídias possibilitam novas maneiras de interação e compreensão de mundo pelo indivíduo que experimenta no contato com as mesmas outras inúmeras formas de expressão. Uma vantagem notável das mídias na atualidade é que permitiu ao indivíduo passar de sujeito passivo a um sujeito ativo através das inúmeras possibilidades que se apresentam no seu uso.

Constata-se então, frente a esta ampla conceituação, que mídia é um termo usado para designar um sistema de expressão e comunicação amplo e complexo.

As mídias produzem cultura, pois estão presentes no nosso dia-a-dia e influenciam nossa forma de ser e pensar, nosso comportamento, nossos valores, emanando mensagens e influenciando na subjetivação dos sujeitos. Nossa sociedade vivencia uma cultura midiática que se caracteriza através de alta velocidade, grande e variada informação com trocas constantes.

Considerando este fato, devemos ponderar as discrepâncias entre o que se vive fora e dentro do ambiente escolar. Sobre as mídias são expostos em inúmeros pressupostos teóricos que na escola já foram dados saltos qualitativos, mas ainda engatinhamos rumo à concretização do uso das mídias como práticas mais democráticas, visando à educação para a cidadania e a construção de uma educação inovadora.

Um horizonte possível para mudar este quadro é a formação dos professores. Nas universidades, instituição produtora de conhecimento científico e corresponsável pela formação inicial e continuada destes profissionais, ainda é discreta a inserção das mídias no currículo e sua metodologia ainda mantêm-se distante do que concebe como uma educação ativa e emancipatória.

Entre outros aspectos levantados como condição primordial para uma mudança educacional, e aqui como foco a educação pública, estão melhores políticas educacionais e investimentos públicos, em consonância com as demandas e especificidades da escola. Mas, este processo é lento, burocrático e fragmentado.

Como princípios norteadores para uma educação do futuro, a literatura propõem novas posturas para professores e alunos. Ao professor é questionado o seu fazer pedagógico, mas mais do que isto, como ele se coloca diante de seu aluno e na relação de ensino-aprendizagem. É necessário que ele também queira aprender, que ele seja sensível e humano; aberto e inquieto. É necessário que ele entusiasme e seja entusiasmado porque isto cria um elo entre ele e seu aluno, que conseqüentemente se sentem atraídos, contagiados.

O professor pode conhecer e dispor de toda mídia ao seu alcance e decidir não atuar por meio delas, seguir mantendo a distância que os separa. Sampaio (1999) expõe que a atuação e a formação do professor devem caminhar e ser construídas juntas visto que com o

conhecimento teórico ele pode interferir, mediar, transformar a sua realidade. Só que isto suscita um querer. Este posicionamento ativo do professor frente às mídias é explanado por Moran (2001) que afirma:

Faremos com as tecnologias mais avançadas o mesmo que fazemos conosco, com os outros, com a vida. Se somos pessoas abertas, iremos utilizá-las para nos comunicarmos mais, para interagirmos melhor. Se somos pessoas fechadas, desconfiadas, utilizaremos as tecnologias de forma defensiva, superficial. Se somos pessoas autoritárias, utilizaremos as tecnologias para controlar, aumentar nosso poder. O poder de interação não está fundamentalmente nas tecnologias mas nas nossas mentes. (MORAN, 2001, p. 63)

Salientamos que dentre as variadas reflexões para as mudanças educacionais e inserção das mídias na escola, o professor sempre é nomeado, questionado, apontado, desafiado, responsabilizado. Conjuntamente, as novas formas de ensinar e aprender que emergem também do uso das mídias, também se fazem presentes em diferentes estudos. E quem está na centralidade do ensino e da aprendizagem? O professor e o aluno, o último sendo a razão de ser da escola.

Para elucidar a atual situação da escola em relação às mídias utilizamos como apoio as pesquisas desenvolvidas desde 2005 pelo Cetic, mais especificamente, as pesquisas do TIC Educação que tem como objetivo investigar o acesso, uso e apropriação das TIC nas escolas públicas de áreas urbanas do país, com início em 2010. Através das publicações podem-se visualizar os resultados e análises disponíveis de diferentes indicadores e obter uma visão geral do acesso e uso das TIC nas escolas brasileiras, principalmente no que diz respeito a alunos e professores. Neste trabalho serão expostos os resultados com enfoque no professor, suas relações e percepções, visto que são os sujeitos centrais desta pesquisa.

Com base nestes resultados percebe-se que houve avanços nesta área. Um deles é que as ações governamentais estão ampliando suas iniciativas para além de disponibilizar infraestrutura apenas, demonstrando recentemente preocupação em desenvolver habilidades e competências de professores.

É possível ver também que os professores tem percebido a importância do uso das tecnologias em suas práticas pedagógicas. A pesquisa TIC Educação de 2013¹ aponta que 46% dos professores de escolas públicas afirmam utilizar o computador e a *internet* com seus alunos. Nota-se também que a proporção de professores que percebem suas habilidades relacionadas a computador e internet como “habilidade na medida certa/ é suficiente” tem pouca diferença quando comparadas no uso pessoal (73%) e no uso profissional (67%). Este

¹ <http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-educacao-2013.pdf>

indicador, porém pode ter dupla interpretação: ou os professores já se sentem mais familiarizados dentro da escola no uso destes ou expressam uma preocupação menor por formação afirmando que o que sabem é satisfatório. Esperamos que a primeira seja a mais provável.

Outro dado relevante é que 96% dos professores de escolas públicas usam recursos educacionais disponíveis na internet para preparar aulas ou atividades com os alunos. No entanto, ainda é inexpressivo o número de professores que publicaram materiais de autoria própria, sendo de apenas 21% destes profissionais.

Pesquisas do TIC Educação de 2012² realizadas com mais de 2800 entrevistas a alun@s do 9º ano do Ensino Fundamental, por exemplo, demonstram que o acesso ao computador é quase universalizado nas escolas privadas (99%) e muito significativo nas escolas públicas participantes (92%), e estes sujeitos tem relação intensa com as TIC dentro e fora da escola. Já pesquisas realizada pelo TIC Domicílios 2012 demonstram que dos 86% dos adolescentes entre 10 e 15 anos de idade já utilizaram um computador e que apenas 10% identificaram a escola como local de acesso mais frequente à *internet*. Outros dados destas pesquisas serão abordados com maior intensidade na análise das respostas dos professores da escola investigada.

Com o exposto até aqui podemos observar que o panorama atual das mídias na educação aponta um avanço pouco significativo nos últimos anos na escola pública frente às potencialidades oferecidas pelas mídias. Mas, a necessária “alfabetização tecnológica” do professor muito tempo levantada como barreira já não se justifica.

Os avanços nas políticas e investimentos continuam estagnados em um nível de desvalorização e visando interesses de poucos, sendo sempre um constante desafio. A escola pública continua uma instituição contraditória, com práticas ainda muito tímidas frente às mídias. O que pode e deve ser feito? Continuamos em busca de sentidos e alinhando estes inúmeros pontos de interrogação. Não há receita, a não ser interpretando um contexto real e dialogando com os indivíduos nele envolvidos, como almeja este estudo.

2.2 Dificuldades no Uso das Mídias Dentro da Escola

Retomando o que foi discutido até aqui, entre as inúmeras dificuldades no uso das mídias dentro da escola, arrisco dizer que o professor é um dos elementos mais em foco nesta

² <http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-educacao-2012.pdf>

teia de possibilidades. Sabemos que a escola e, especificamente a pública na qual lecionam os professores deste estudo, sofre com a falta de investimento público e de políticas educacionais que não estão em sintonia com a realidade das escolas. Há inúmeros parâmetros, diretrizes, avaliações que, em sua maioria, não são construídas pelas pessoas que vivem e fazem a educação no dia-a-dia da escola. Ressaltamos aqui, a educação exercida na sala de aula. Estes professores têm vez e voz? Esta construção não pode ser vertical e sim horizontal.

Porém, o professor tem uma responsabilidade incipiente no processo de ensino e aprendizagem, pois este é atividade intrínseca ao seu trabalho. E a questão é além de apenas utilizar as mídias como instrumento pedagógico e/ou possibilitar o domínio das ferramentas tecnológicas, e sim que elas sejam objeto de estudo (Belloni, 2001) no anseio de criar um espaço de significação para a aprendizagem. É preciso que o próprio professor tenha esta experiência, não a da alfabetização digital que já se pode considerar um processo menos distante dos “imigrantes digitais”, mas de constatar que ele faz uso frequente das mídias no seu cotidiano e aprende de forma diferenciada, não permitindo esta mesma aproximação no seu fazer docente.

Sampaio (1999) enumera diferentes aspectos que demarcam a importância da formação do professor e a essencialidade de seu papel como docente. A autora destaca que a escola está envolta por diversas dificuldades que limitam seu trabalho como o “descaso” dos governos e gestores públicos que causam um efeito negativo traduzido na desvalorização dos professores, no sucateamento das escolas, na formação pulverizada. Mas, ela reforça que mesmo com todas estas implicações o professor é quem concretiza o trabalho na escola, pois dele depende o processo de ensino-aprendizagem. Portanto, Sampaio afirma que o professor:

Mesmo não sendo o único responsável pelos resultados da atuação escolar, é o responsável direto pelo ensino, e, se assim não fosse – se não houvesse a necessidade de um profissional específico para a tarefa de refazer com os alunos a trajetória do conhecimento humano -, não seria necessário existir a instituição escolar. (SAMPAIO, 1999, p. 68)

Assim, devemos perceber a relevância de um professor que deseja compreender o contexto da educação atual, a sua prática e, impreterivelmente, mergulhar no universo dos novos anseios e interesses dos alunos. Mas, é necessário entender os distanciamentos que o professor vivencia no uso das mídias dentro da escola e não apenas apontar o professor como a principal causa de insucesso na inserção de um trabalho pedagógico com o uso das mídias.

A inovação, os avanços tecnológicos não são sinônimos de mudança educacional. Explicita-se aqui uma citação encontrada no material disponibilizado na plataforma do curso

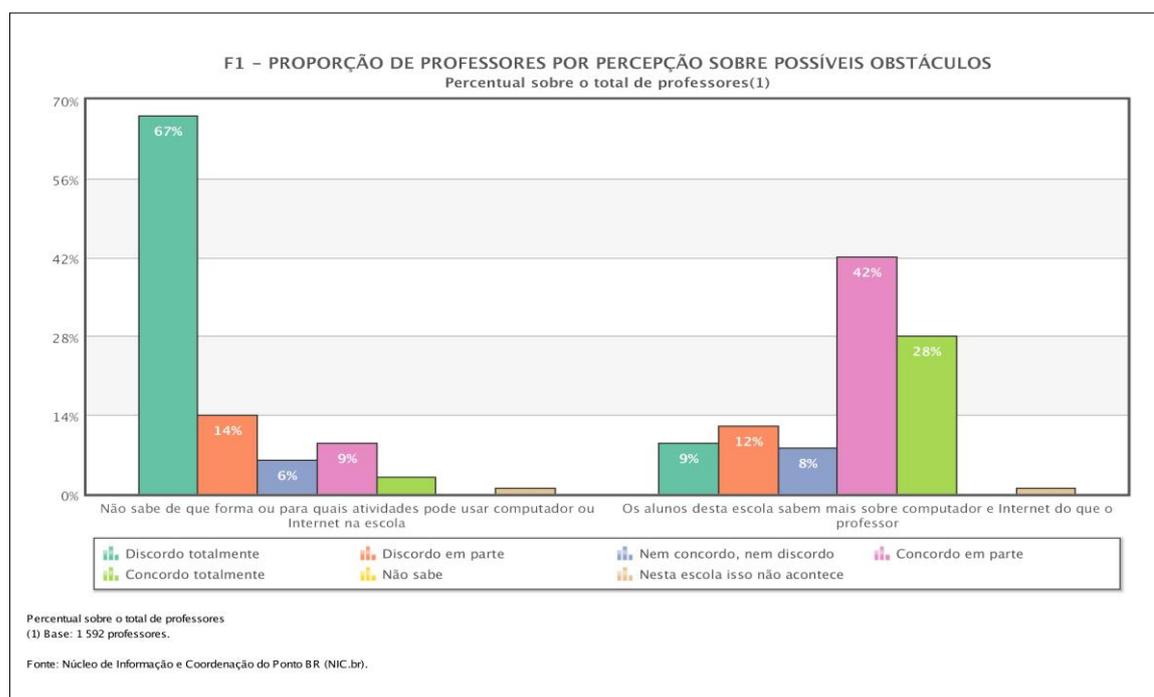
de Mídias na Educação que reflete a questão da complexidade que envolve ensinar e aprender e o desafio frente às demandas da educação:

Mas, se ensinar dependesse só de tecnologias, já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo, não é mesmo? Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e, particularmente, agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o de informação e conhecimento. (Brasil, Etapa 2, 201?)

Muitos professores usam pedagogicamente as mídias de forma limitada, pautando seu uso no que vem sendo feito em sala de aula. Já acompanham a sociedade tecnológica fora da escola. Mas dentro, poucos se arriscam na elaboração de propostas inovadoras, embasadas em uma linguagem audiovisual, que possibilitam aos alunos desenvolver as competências que as mídias demandam e fomentam. A partir dos estudos da TIC Educação 2011 é possível comparar as atividades desenvolvidas em sala de aula e constatar que 77% dos professores utilizam predominantemente aula expositiva diariamente e uma parcela menos significativa propõe aos alunos práticas que favoreçam a aprendizagem dos alunos, como “pesquisa em distintos materiais de consultas” (19%), “trabalho em grupos” (15%) e “realização de jogos” (4%).

Uma pesquisa realizada em 2009 pela Fundação Victor Civita (FVC) apontou que 70% dos professores entrevistados sentiam-se pouco ou nada preparado para o uso da tecnologia na

Gráfico 1: Proporção de professores sobre possíveis obstáculos



Fonte: http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_EDU&idUnidadeAnalise=Professor&ano=2013

educação. Na pesquisa TIC Educação a proporção de professores que “discordam totalmente” sobre o fato de “não saber de que forma ou para quais atividades pode usar computador e *internet* na escola” ser um obstáculo foi de 67%, conforme mostra o gráfico 1.

Não está mais em pauta uma “alfabetização digital” (definição conforme UNESCO) visto que a maioria dos professores avançou neste sentido. As dificuldades não são mais de ordem de familiaridade. Porém, mesmo o professor tendo um conhecimento considerável das mídias, muitas vezes o aluno tem conhecimento superior e provoca certo desconforto e/ou insegurança no professor (Gráfico 1).

O desafio hoje circula no âmbito de estabelecer parcerias, onde professor e aluno compartilhem seus conhecimentos. Por isso, é importante que o professor reflita sobre suas práticas e perceba suas limitações a fim de identificar onde é necessário focar sua formação. Sintonizar as expectativas de ambos os sujeitos da educação deve ser tarefa presente dentro da escola.

Ainda dentre as dificuldades a serem superadas para inserção das mídias na prática pedagógica estão os elementos presentes no cotidiano da escola que absorvem o professor: uso do tempo, trabalho burocrático, número de alunos em sala de aula, infraestrutura, etc.

3.METODOLOGIA

A pesquisa proposta é uma pesquisa de caráter qualitativo, realizada através de um questionário, composto por doze questões, com 13 professores dos anos iniciais e finais do ensino fundamental de uma escola municipal de Porto Alegre, embasada através de leituras e reflexões acerca do tema.

Assim, a pesquisa será realizada com professores de diferentes perfis no que se refere à formação e atuação, tempo de docência e suas vivências com as mídias dentro e fora da escola, principalmente em sua prática pedagógica.

Para concretizar o que pretendo utilizei como questões de pesquisa: O que pensam os professores sobre o uso da mídia? Quais as convergências e divergências entre as concepções de professores sobre o uso das mídias em sala de aula e os estudos atuais? Há relações entre formação/tempo de atuação e as vivências com este uso? Qual a influência da estrutura/currículo/tempo e espaço/conhecimento na utilização das mídias pelos professores? Quais são os desafios e dificuldades levantadas pelos professores? As concepções dos professores determinam suas ações pedagógicas? Existem relações entre a formação e as concepções destes professores?

Os questionários foram enviados por *e-mail* levando em consideração o número de professores inicialmente convidados a participar e ao pouco tempo disponível frente às demandas da escola e os horários dos professores. Esta forma de dispor o questionário facilita o acesso, a resposta e o envio do mesmo, garantindo maiores possibilidades de participação.

O questionário é composto por informações como tempo de regência (na rede municipal e fora dela), formação e área de atuação, além de perguntas como: O que você entende por mídias? Conhece e/ou utiliza alguma mídia ou ferramentas de comunicação e informação em suas aulas? Para você, qual a importância do uso das mídias em sua prática pedagógica? Com que frequência você as utiliza com seus alunos e em que contexto? Qual a sua relação com as mídias dentro e fora da escola? Você já participou de curso e formações sobre o uso de novas tecnologias em sala de aula? Algum foi divulgado ou promovido por sua rede de ensino? Você considera a estrutura física e os equipamentos da escola adequados ao uso?

Após o envio do questionário por *e-mail* e na espera pelo retorno, constatou-se ser necessário reforçar o convite à participação dos mesmos. O questionário foi enviado para uma lista existente da escola com aproximadamente 50 professores. Em quinze dias, o retorno ainda não havia chegado a 10 questionários respondidos. Então, percebeu-se que, embora escolhida uma forma de “facilitar” a participação, isto não foi suficiente para o êxito no

número de participantes. Ao todo, 13 professores aceitaram colaborar com a pesquisa respondendo e retornando o questionário.

A opção em desenvolver o estudo na escola em que a pesquisadora leciona foi devido à aproximação que se tem com a mesma, à percepção da realidade da escola frente aos estudos sobre Mídias na Educação, à vontade de sinalizar para o grupo de professores a importância que as mídias representam ao aprendizado dos alunos e a sua contribuição para a concretização de uma educação baseada na autonomia, na cidadania, no protagonismo, na emancipação de seus principais atores: os alunos. O estudo realizado unicamente nesta escola foi determinado também em função do tempo, pois somente o número de professores inicialmente planejado já possibilitaria uma ampla análise.

É de conhecimento de muitos professores que há escolas da RME de Porto Alegre com projetos pilotos desenvolvido na área de Inclusão Digital, mas é importante refletir porque é ainda inexpressivo o número de escolas que desenvolvem essa proposta. Será que os projetos são de algumas pessoas ou do coletivo da escola? Esta pesquisa suscita uma reflexão inicial, em uma realidade específica, tendo a intenção de que, em um futuro próximo, professores, gestores e mantenedora assumam suas responsabilidades e construam uma caminhada real no sentido de modificar e qualificar a educação atual.

Expondo a metodologia utilizada e embasando esta pesquisa através do diálogo com os autores passo à análise dos questionários, focando as concepções e as relações com as mídias dos professores participantes no capítulo seguinte.

4. CONCEPÇÕES E RELAÇÕES DOS PROFESSORES NA ESCOLA INVESTIGADA

Para dar início à análise dos questionários é importante expor ao leitor quem são os sujeitos desta pesquisa. Já havia mencionado que são professores dos anos iniciais e finais de uma EMEF de Porto Alegre. Mas, é necessário mais informações a fim de que possamos relacionar suas respostas com o perfil dos mesmos e contextualizar suas concepções.

Para uma visualização melhor e mais didática, apresento a seguir um quadro com os dados sintetizados dos professores:

Quadro 1 – Apresentação dos sujeitos da pesquisa

Professor	Idade	Sexo	Formação	Tempo de docência (anos)	Área/Ano de atuação
1	65	Feminino	Letras Port./Espanhol (1986)*	19	Biblioteca
2	44	Feminino	Pedagogia Anos Iniciais (1992)	19	Anos iniciais (3º ano)
3	34	Feminino	Ciências Biológicas - Bach. e Licenc.(2007)	5	7º / 8º ano e Lab. de Ciências
4	35	Feminino	Matemática (2002)	13	6º ao 9º e Totalidades 3 e 4 na EJA
5	52	Feminino	Artes Plásticas (1984)	25	9º ano
6	50	Feminino	Pedagogia Ed. Infantil	20	Anos Iniciais / Secretaria
7	51	Feminino	Educação Física (1985)	30	1º / 3º / 5º / 6º e 9º ano
8	57	Masculino	Educação Física (1985)	30	6º ao 8º ano
9	50	Feminino	Ciências Sociais (1990)	20	Sócio-Históricas (6º ao 9º ano)
10	27	Masculino	Filosofia (2010)	2	7º ao 9º ano
11	39	Masculino	História (2000) Pós em andamento em Mídias na Educação (2015)	9	Anos finais na EJA**
12	54	Feminino	Pedagogia (2008)	36	Alfabetização / 2º ano
13	52	Feminino	Ciências e Matemática (1989) Pós em Informática na Educação (1994)	20	Lab. de Informática

* Ano de conclusão do curso de graduação.

** EJA – Educação de Jovens e Adultos.

Para cada um dos professores apresentados acima foram realizadas através do questionário doze perguntas que seguem:

- 1) O que você entende por mídias?
- 2) Conhece e/ou utiliza alguma(s) mídia(s) ou ferramentas de comunicação e informação em suas aulas? Quais? Compartilhe, se possível, alguma experiência.
- 3) Para você, qual a importância do uso das mídias em sua prática pedagógica? Quais as contribuições que considera mais relevante?
- 4) Qual a sua relação com as mídias dentro/fora da escola? Utiliza com que frequência? Com qual finalidade?
- 5) De que forma e/ou em que contexto você as utiliza com seus alunos?
- 6) Como você observa os alunos frente ao uso das mídias em suas aulas? Há diferenças nas aulas em que elas não estão presentes?
- 7) Quais as dificuldades/angústias que você vivencia no uso das mídias (ou na impossibilidade de seu uso)? Como se sente?
- 8) Você já participou de cursos e formações sobre o uso de novas tecnologias em educação? Algum foi divulgado ou promovido por sua rede de ensino?
- 9) Você considera a estrutura física e os equipamentos da escola adequados ao uso? O que precisa melhorar?
- 10) Conhece o Laboratório de Informática da sua escola? Utiliza-o com seus alunos? Caso a resposta seja negativa justifique o porquê.
- 11) Em sua opinião, quais são os maiores desafios no uso das mídias em educação?
- 12) Você considera o uso das mídias uma realidade atual ou distante de sua escola? Por quê?

Observando e construindo um perfil amplo dos professores participantes podemos ressaltar que a maioria leciona há mais de 19 anos (nove professores) e estão concentrados na faixa etária entre 30 a 50 anos, como podemos observar nos gráficos 2 e 3 abaixo.

Gráfico 2: Tempo de docência dos professores

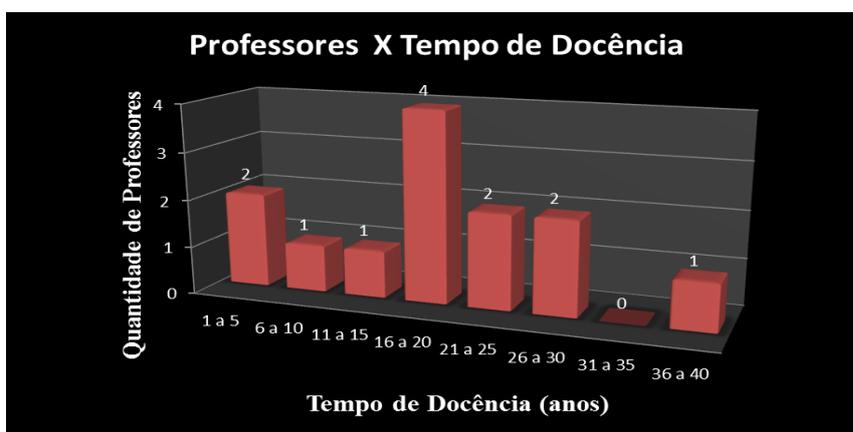
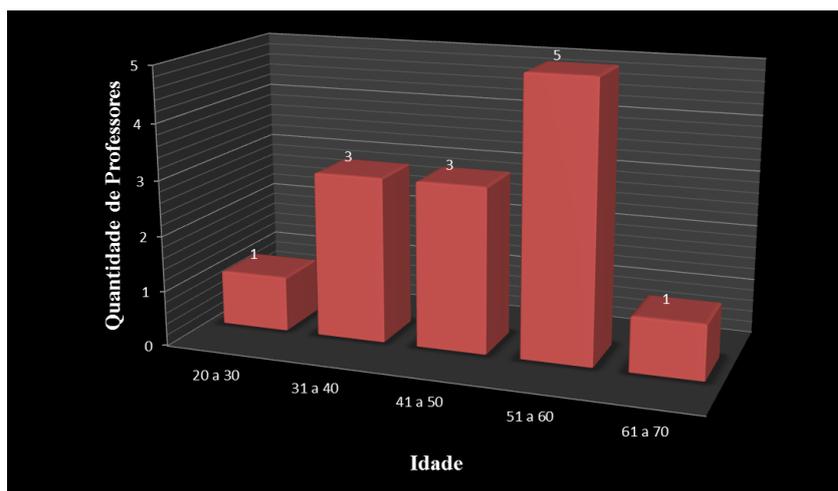


Gráfico 3: Idade dos professores



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

As respostas são apresentadas e discutidas a seguir. A primeira questão suscita analisar a concepção que os professores têm de mídias. Esta será a única questão apresentada de forma diferente às restantes, ou seja, sem uma apresentação quantitativa. As demais foram organizadas conforme a reiteração das respostas.

Iniciando esta análise podemos observar que, de um modo geral, os professores mesmo não conceituando as mídias conforme conceito trazido no referencial teórico apresentado neste trabalho eles trazem denominações e concepções próximas ao mesmo. Apareceram com frequência nas respostas de alguns professores denominações como “formas, meios de comunicação”, “intermediar a comunicação” como pode observar abaixo:

Toda **forma de comunicação** social. (Prof. 7)

Mídia é o conjunto dos **meios de comunicação** de massas. Exemplos: Rádio, Televisão, Internet, Jornais, etc. (Prof. 8)

Uso de **meios para intermediar a comunicação**, a aprendizagem. (Prof. 5)

São veículos de **comunicação**. (Prof. 13)

Entendo que sejam **meios de comunicação**, como por exemplo jornais, revistas, Internet, publicidade, televisão. (Prof. 1)

Os professores citam principalmente a comunicação como caracterização das mídias. Nas concepções o termo “tecnologia” também apareceu mais de uma vez, além de denominações envolvendo a palavra “eletrônico(a)”:

Itens de tecnologia que possibilitam a troca de informações. (Prof. 6)

Tudo que envolve **tecnologia**: telefone celular, data show, computador, tablet, etc (Prof. 4)

Tudo que envolve **tecnologia**: rádio, televisão, redes sociais... (Prof. 12)

... todo e qualquer **recurso eletrônico**: computadores, tablets, celulares, vídeos! (Prof. 2)

Meios diversos de **origem eletrônica**, utilizados para comunicação (Prof. 9)

Problematizando os termos “tecnologia” e “eletrônica” estes não abarcam de forma clara o conceito de mídias e, o amplo e complexo sistema de expressão e comunicação que elas designam. Conforme referencial abordado no curso (Brasil, Etapa 1, 201?), o termo tecnologia deriva do grego “tékhne” significando “arte, habilidade, saber fazer” e de “lógos” como “linguagem, razão, estudo”. Então, tecnologia exprime um conjunto de conhecimentos de processos e/ou ferramentas para a realização de atividades de domínio humano. A tecnologia pode ser vista como “artefato, cultura, atividade com determinado objetivo, processo de criação, conhecimento sobre uma técnica e seus processos, etc.” (Etapa 1 – Integração de Mídias na Educação) A palavra tecnologia encontrada na sigla TIC advém da fusão das tecnologias de informação (informática) e tecnologias de comunicação (telecomunicações e mídias eletrônicas) e, dizem respeito a aquisição, armazenamento, processamento, distribuição da informação por meios eletrônicos e digitais.

O termo “tecnologia” não abrange as diferentes linguagens e os amplos significados que o conceito possui. A palavra “eletrônica” segue o mesmo caminho. Apenas refere o tipo de recurso não trazendo acréscimo de significado ao conceito.

Mesmo não conceituando adequadamente as mídias conforme o conceito construído e vigente atualmente, os professores demonstram ter percepção que as mídias têm caráter

comunicativo, expressivo e interativo. Retomo aqui o conceito explicitado neste trabalho para pontuarmos algumas considerações:

O conceito a ser utilizado neste trabalho é o que aborda “mídias” como meios que permitam a emissão e recepção de mensagens. O conceito abrange mídia como suporte para difusão e veiculação da informação (rádio, televisão) e para gerar informação (máquina fotográfica, filmadora, etc.) podendo ser organizada pelo modo como a informação é transformada e difundida (impressa, eletrônica, digital) além do aparato físico para registro de informações (fitas, CD-ROM, DVD’s). Assim, vários são os elementos que compõem o substrato da mídia: a palavra escrita, o discurso oral, o som, a imagem estática e em movimento. (BRASIL, Etapa 1, 201?)

Posto isso, podemos inferir que as concepções dos professores inserem a conceituação acima tal como “meios que permitam a emissão e recepção de mensagens”, porém ficando incompleto ao não entender as mídias como meio para gerar informação além de sua função de difusão e veiculação. As percepções surgiram também em torno de exemplificar as mídias para dar consistência à definição, a partir de exemplos como “rádio”, “televisão”, “internet”, “jornais”, “computadores”, “tabletes”, “celulares”, “vídeos”, “revistas”, “redes sociais”, “data show”.

Entre os professores participantes, dois chamam a atenção na definição do termo mídias. O primeiro expressa maior conhecimento, que justifica a importância da formação em Mídias na Educação, visto que o mesmo está concluindo o curso no ano corrente e demonstra maior propriedade sobre o assunto. O professor destaca a polissemia do conceito e a urgência de reflexões acerca das ferramentas digitais de produção e troca de informações. Segundo ele:

Mídias é um **conceito polissêmico** que admite diversos significados, especificamente em minha concepção, está relacionado às diversas formas de comunicação e informação que os seres humanos **criam e utilizam**. Atualmente o conceito de mídias **prioritariamente** remete a **reflexões acerca de ferramentas digitais de produção e troca de informações**. (Prof. 11)

O segundo professor embora com pouco tempo de docência, sem formação na área de Mídias na Educação ou formação equivalente, aqui discutida, conseguiu trazer percepções relevantes ressaltando a amplitude que as mídias apresentam e citando mesmo que, de forma despropositada, a convergência que os aparelhos apresentam.

Creio que a definição pode ser **bastante ampla**, abarcando desde **mídias impressas** (jornais, revistas, etc.), passando pela televisão, chegando à **internet** (com todos os seus aparelhos, inclusive, smartphones, que **guardam ainda as possibilidades de vídeos**,

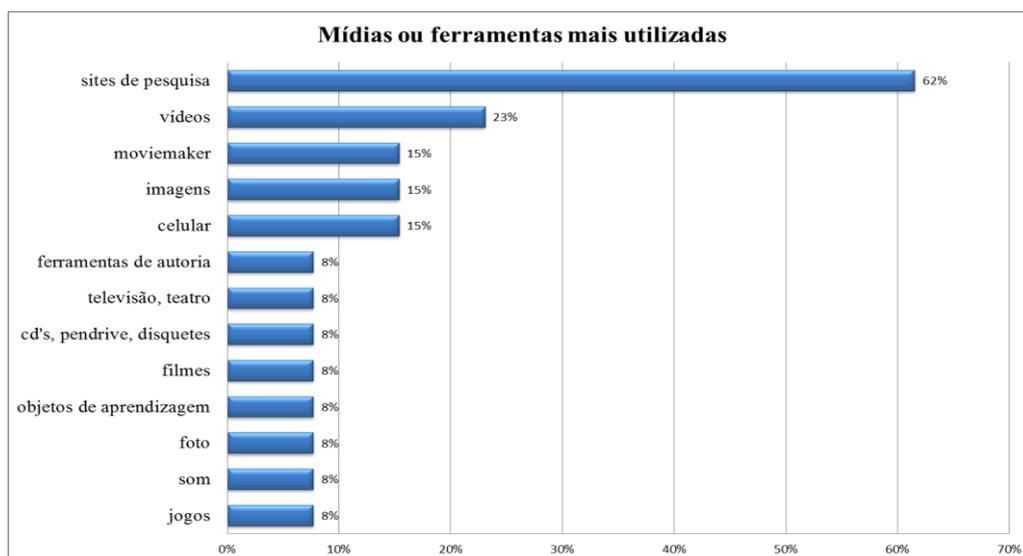
fotografias e escritas), que parece ser capaz de abrigar escrita e vídeo com **maior dinamismo**. (Prof. 10)

Nas concepções encontramos também as mídias conceituadas como “ferramentas”, “meios” e como “facilitadores”, “intermediadores” da aprendizagem. (Prof 5 pode ser visualizado anteriormente) .

São ferramentas que podem ser utilizadas para **facilitar o aprendizado e o ensino**, complementando as aulas teóricas dos professores. (Prof. 3)

Com relação ao conhecimento e utilização das mídias abordada na questão 2, podemos visualizar no gráfico 4 as respostas dos professores que evidenciam as mídias mais utilizadas por eles, sendo os “sites de pesquisa” (62%), os “vídeos” (23%), “moviemaker” (15%), “celular” (15%) e “imagens” (15%). Uma professora (Prof. 4) citou a sala de informática e os computadores com acesso a *internet*, porém salientou que raramente utiliza, pois “os alunos não querem trabalhar nos sites sugeridos para a aula, querem ir para acessar as redes sociais, a aula acaba não sendo produtiva”. A mesma não fez outras referências à mídias que conheça e/ou utilize.

Gráfico 4: Mídias mais utilizadas pelos professores



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Relatos referentes a autoria por professores e alunos foram pouco referendadas. De modo geral, as mídias que os professores conhecem e conseqüentemente utilizam são para

acesso, coleta, apresentação e armazenamento de informações e complementação do trabalho em sala de aula.

Apenas 4 (quatro) professoras compartilharam práticas desenvolvidas. A professora 5 fez relatos de “elaboração de materiais” e “registro de ações e trocas de aprendizagem” pelos alunos, evidenciando preocupação em seu trabalho pela participação e criação de seus alunos. Ela afirma que utiliza mídias em “quase todas” as suas aulas.

Já a professora 1 contou rapidamente, que utilizou a sala de informática para a aplicação de um projeto de inclusão digital com alunos das totalidades iniciais da EJA.

A professora 3 trabalhou com produções de vídeos e na sala de informática com a criação de um livro através de um projeto sobre os animais finalizado com elaboração de um vídeo com a ferramenta moviemaker .

Por último, a professora 13 traz a realização de um projeto com alunos do “1º ano de alfabetização” com a criação de um livro digital que foi posteriormente disponibilizado na *internet*.

O professor 11 foi o único professor que referenciou “objetos de aprendizagem”, “*software* de autoria”, termos e recursos aprofundados no curso de Mídias na Educação que a pesquisadora participou e a partir da qual desenvolveu esta pesquisa.

O objeto de aprendizagem (OA) também enfrenta a falta de consenso em sua definição. Conforme Wiley, 2000 (apud AGUIAR, FLÔRES, 2014, p.13) um objeto de aprendizagem “[...] é qualquer recurso digital que pode ser reusado para apoiar a aprendizagem”. O autor enfatiza a “intencionalidade” como importante característica que estes recursos digitais devem ter ao serem produzidos. Os OA devem ter intencionalidade quanto ao processo de aprendizagem. Isto nos faz reconhecer o diferencial que seu uso proporciona comparando às escolhas de utilização de outros recursos para preparação de aulas e como suporte didático.

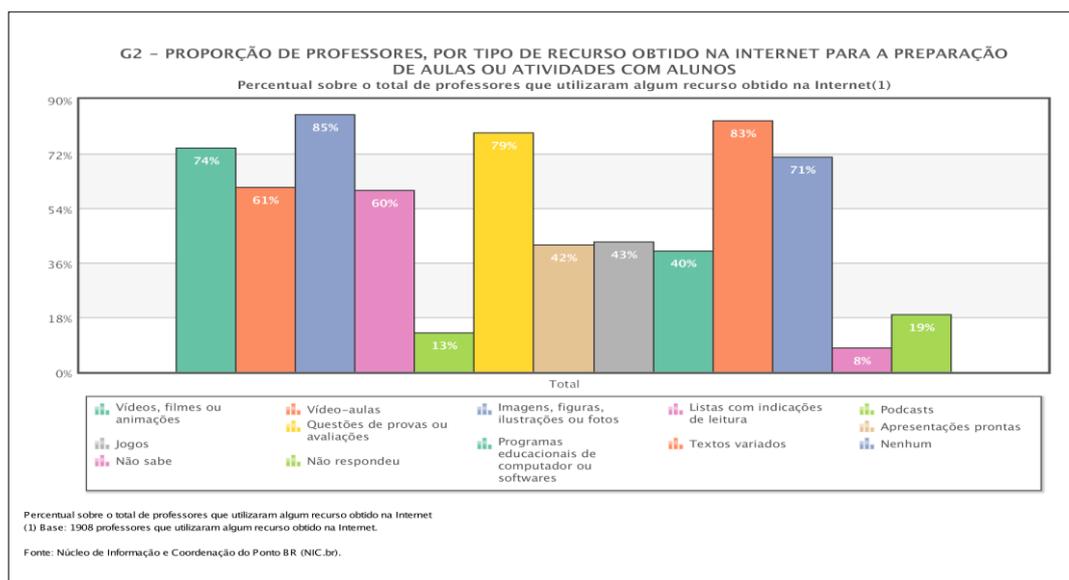
O curso de Mídias na Educação aborda as diferentes linguagens das mídias no processo de ensino e de aprendizagem e preconiza a autoria, ação que propõe uma aprendizagem autônoma, contextualizada e significativa. Assim, com as ferramentas de autoria o aluno não fica mais passivo na construção do conhecimento tendo o professor como seu mediador.

Nesta análise fica explícito que o uso das mídias ainda é incipiente e demonstra que professores conhecem as mídias, mas necessitam ampliar e aprofundar maiores potencialidades das mesmas.

Conforme as pesquisas do TIC Educação 2013 a proporção de professores que já utilizou algum recurso educacional digital encontrado na *internet* para preparar aulas ou

atividades é de 96%. Veja no gráfico 5 abaixo os tipos de recursos obtidos na *internet* e utilizados por professores:

Gráfico 5: Recursos obtidos na *internet* para preparação de aulas ou atividades com os alunos



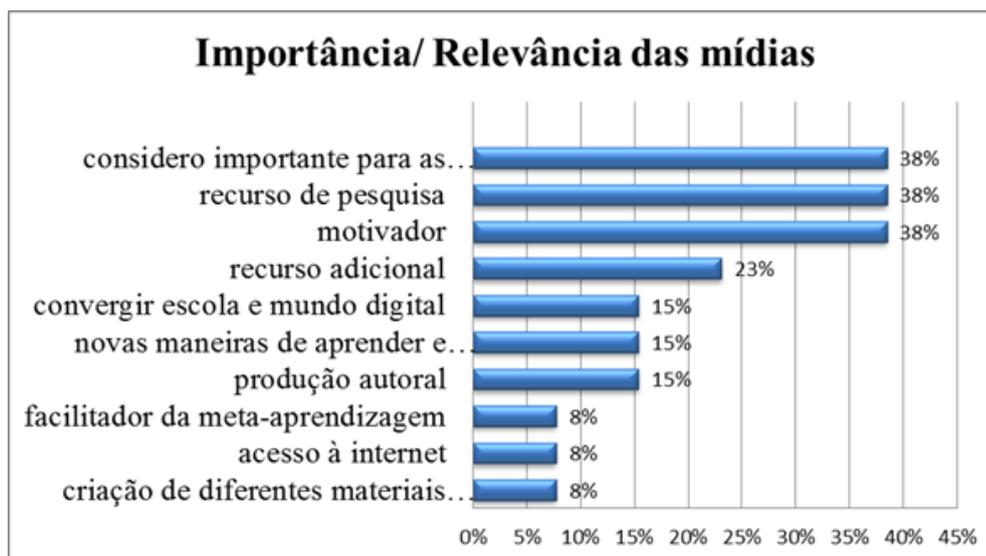
Fonte: http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_EDU&idUnidadeAnalise=Professor&ano=2013

Dos recursos, os mais acessados foram: imagens, figuras, ilustrações e fotos (85%), textos variados (83%), questões de provas e avaliações (79%), vídeos, filmes e animações (74%). Nota-se uma semelhança nos tipos de recursos utilizados pelos sujeitos da pesquisa TIC Educação com os sujeitos desta que está sendo analisada.

Em relação à autoria, a pesquisa mencionada acima (Cetic) traz como dado importante a proporção de 82% de professores que produzem materiais para utilização em suas aulas contra apenas 21% destes que postam ou publicam na internet suas produções. Entre os professores participantes da escola pesquisada apenas a Professora 5 fez menção ao compartilhamento de suas construções com os alunos, apresentando um percentual de 8% em relação aos demais. Os professores da escola investigada em sua maioria não vivenciam práticas colaborativas.

A questão 3 ilustra a importância e relevância que os professores percebem quanto ao uso das mídias e quais as contribuições destacadas. Com base na tabulação mostrada no gráfico 6 abaixo é possível averiguar que a importância das mídias mais citadas foram: seu uso no auxílio para as aulas teóricas (38%); recurso para pesquisa (38%); como motivador das aprendizagens (38%). Outros pontos levantados com número significativo de respostas são: as mídias como um recurso adicional no trabalho do professor (23%), a aproximação da escola (sala de aula) com o mundo digital (15%), as mídias como novas formas de aprender e ensinar (15%) e as mídias para produção autoral (15%). Vamos observar o gráfico que segue:

Gráfico 6: Importância/Relevância do uso das mídias para os professores



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

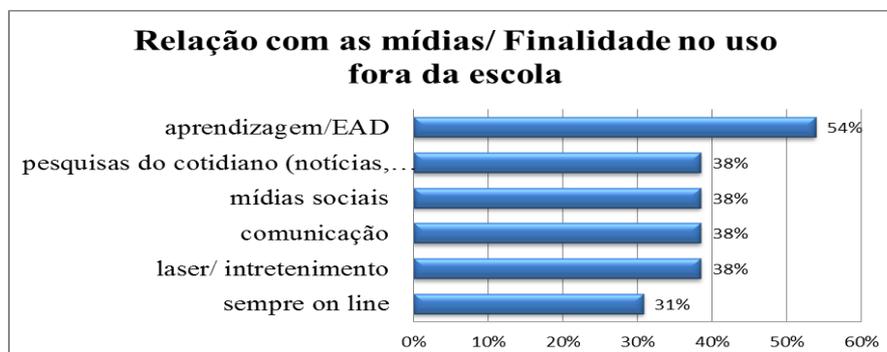
Pontuamos que foi mais expressivo a percepção de uso de mídias para apoio pedagógico ao trabalho do professor, em detrimento de uma abordagem que inspire o protagonismo dos alunos e o desenvolvimento de competências por eles. Ainda assim, surgiram colocações em menor escala que surpreendem pelo contraponto que causam entre as respostas contribuindo ao diálogo que este texto propôs. Discutimos em diferentes momentos a urgência por novas formas de ensinar e aprender; o papel motivador que as mídias assumem; uma educação consonante com a vida fora da escola. São estas concepções descritas pelos sujeitos da pesquisa que devem ser multiplicadas na escola despertando posturas inovadoras frente ao que se põe.

No esforço de ampliar a compreensão das práticas nesta escola analisaremos agora as relações que estes professores têm com as mídias dentro (gráfico 8) e fora da escola (gráfico 7). A questão número 4 induz um comparativo neste sentido. As posturas dos professores com as mídias fora da escola, no seu cotidiano, são frequentes e intensas? E dentro da escola como estão inseridas no dia-a-dia?

Fora da escola as mídias são referenciadas com termos como “sempre *on-line*”, “sempre plugado”, “bastante frequência”, “diariamente”. Isto deixa evidente que a grande maioria dos professores transita com familiaridade no uso das mídias, atendendo de fato seus interesses que perpassam por comunicação, informação, entretenimento, lazer e para aprendizagem (54%) nomeada por mais da metade dos professores questionados.

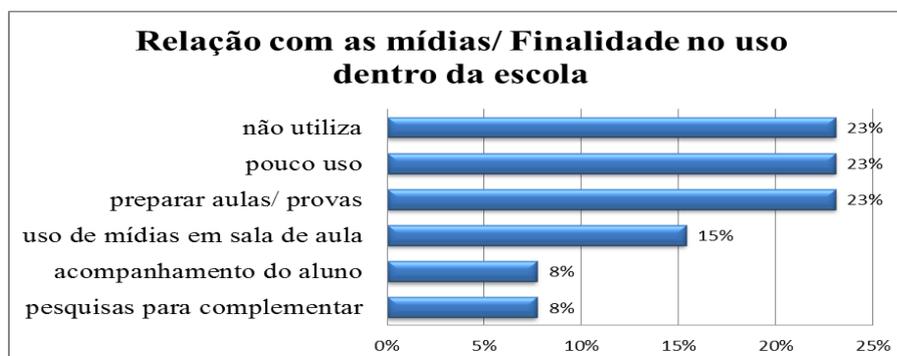
A análise apontada nos gráficos 7 e 8 nos remete ao que foi referido na discussão teórica apresentada pela pesquisadora sobre a discrepância entre esses dois mundos: vida social e vida escolar. Compare:

Gráfico 7: Finalidade no uso das mídias fora da escola



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Gráfico 8: Finalidade no uso das mídias dentro da escola



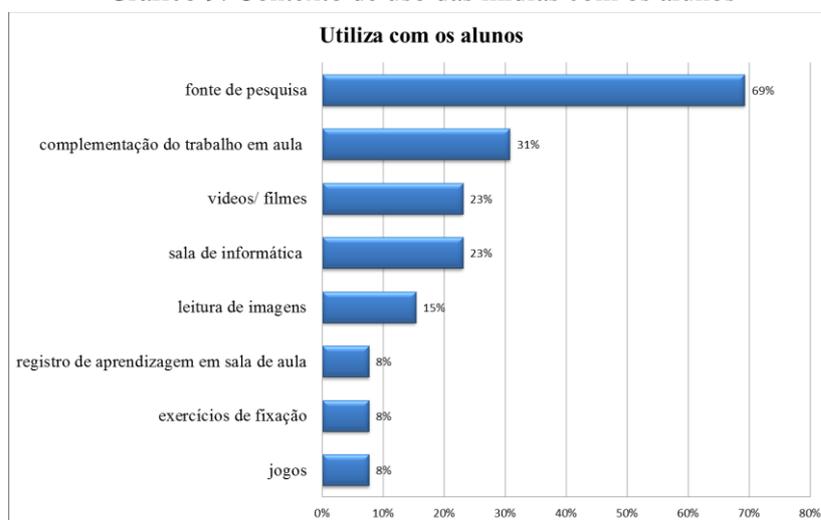
Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Os professores usam com frequência as mídias em sua vida pessoal. Mas, por outro lado, dentro da escola as mídias tem papel secundário e antagonico ao fluxo adotado por esses professores fora da escola. As respostas “não utiliza” (23%) e “pouco uso” (23%) somam-se às respostas que transparecem um uso mais tradicional. As diferenças de frequência de uso dentro e fora do ambiente escolar chocam-se e alertam para a necessidade de afinar uma cultura digital dentro da escola.

Portanto, o contexto de uso das mídias com os alunos (abordado na questão 5) se torna restrito. Isto pode ser acompanhado nos dados do gráfico 9. Conforme os professores, elas são usadas majoritariamente como “fonte de pesquisa” (62%). Aparecem também como complementação do trabalho em aula (31%), “vídeos/filmes” (23%), “sala de informática”

(23%) e “leitura de imagens” (15%). Esses dados corroboram com as finalidades de uso expressas anteriormente pelos professores demarcando uma limitação no uso pedagógico.

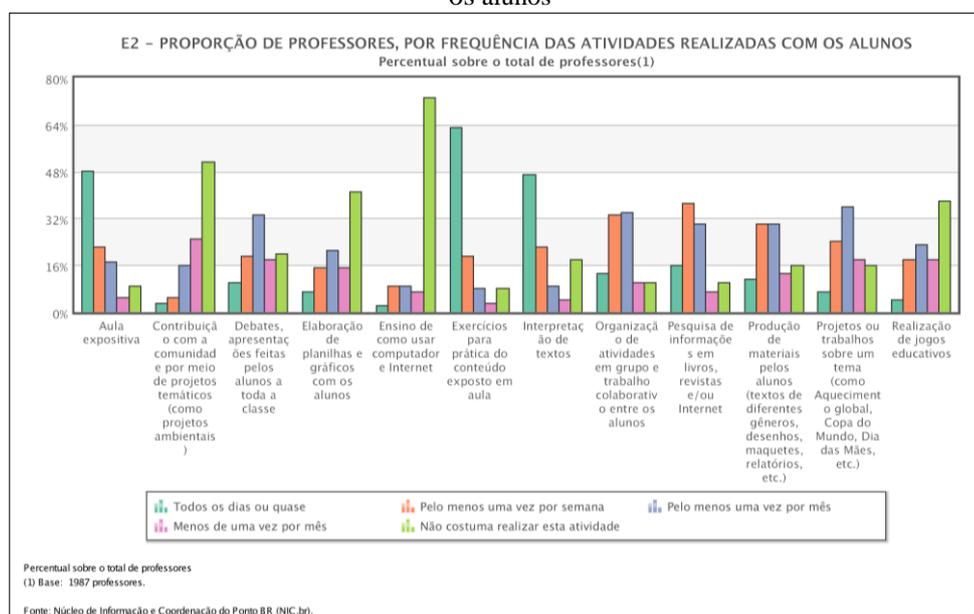
Gráfico 9: Contexto de uso das mídias com os alunos



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

No gráfico 10 abaixo, disponibilizado no *site* do Cetic, nota-se que nas escolas pesquisadas, as atividades que se distanciam do ensino tradicional como: “realização de jogos educativos”, “ensino de como usar o computadores e *internet*”, “projetos que aproximem a comunidade”, “elaboração de planilhas e gráficos com os alunos” são qualificadas pelos professores como “Não costuma realizar esta atividade” (barras em verde claro). Por outro lado, as atividades mais tradicionais da escola como “aula expositiva”, “exercícios para prática do conteúdo exposto em aula”, “interpretação de textos” aparecem como atividade realizada “Todos os dias ou quase”.

Gráfico 10: Proporção de professores por frequência das atividades realizadas com os alunos



Fonte: http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_EDU&idUnidadeAnalise=Professor&ano=2013

Com base no exposto, podemos afirmar que a escola investigada representa no momento um espaço que cerceia oportunidades de acesso e reduz as potencialidades das mídias na aprendizagem. Esta afirmação tem o intuito de repensar as relações e não julgar as escolhas destes profissionais. Nas discussões posteriores iremos dialogar sobre os elementos que envolvem dificuldades e angústias, percepções sobre a infraestrutura e os desafios que as mídias denotam para estes sujeitos.

Visto que os professores incorporam as mídias no seu cotidiano podemos inferir que os mesmos as utilizam de forma prazerosa e com intenção. Ao serem questionados sobre a postura dos alunos (questão 6) frente ao uso das mídias metade dos professores reconheceu que os alunos “têm interesse” (54%), seguido de percepções de que eles se sentem mais “motivados/desafiados” (38%) e demonstram “familiaridade com o uso” (23%). Bom, se os professores acreditam que os alunos ficam envolvidos e entusiasmados no uso e eles próprios usam as mídias de forma fluente para fins pessoais e, de certa forma pedagógico, há que se estreitar este vão entre o que se faz no uso pessoal e profissional. O professor se mostra “letrado digitalmente” e precisa compreender que ele tem papel importante na garantia de que seus alunos vivenciem este processo.

Poucos referenciam posturas negativas dos alunos com as mídias sendo ressaltada por um número relevante de professores (31%) a necessidade de orientar os alunos a fim de efetivar o que se objetiva. Algumas falas serão abordadas aqui pela reflexão pertinente que produzem.

Noventa por cento dos alunos querem ficar no celular, durante as aulas! **Considero isso perigoso**, pois ficam alienados à realidade, pois a maioria quer apenas, namorar, curtir o facebook e **prestar atenção em algo que não seja a “aula chata”!** (Prof. 8)

Observo que ficam bastante interessados, porém **deve-se ter um objetivo bem delimitado**, pois se ficarem sem um objetivo concreto para pesquisarem, **acabam perdendo o foco, e utilizando a internet para jogos, facebook e outras bobagens;** (Prof. 3)

O uso da Internet **já é familiar** para a grande **maioria dos alunos**. No entanto, **o professor deve sempre orientá-los para não copiarem**, pois a cópia já existe com papel e caneta (Prof. 1)

É importante pensar porque os alunos acham a “aula chata” e perdem o foco com “bobagens”. Não seriam o momento de repensar práticas, finalidades, objetivos do planejamento? Nós conhecemos o real interesse de nossos alunos? Não fazemos apologia para

que professores saiam mudando suas aulas radicalmente no intuito de se autoproclamar professor “arrojado”, pelo simples fato de tornarem presentes as mídias dentro da escola.

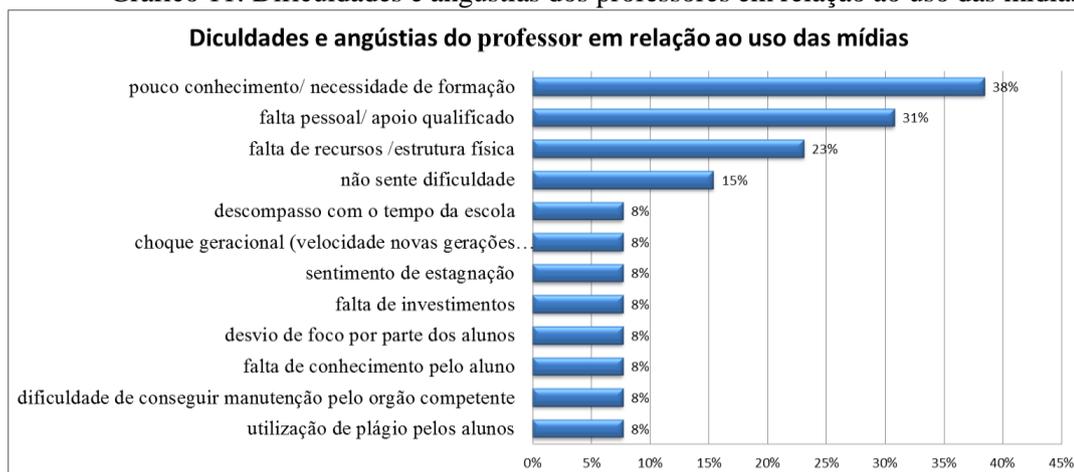
Avaliar a postura dos alunos nos permite fazer inúmeras reflexões. É preciso capturar o que está nas “entre linhas” de nossas ações e relações e entre os sujeitos que participam do ato educativo.

O professor 10 faz uma comparação entre como ele aprendeu na década de 90 e como os alunos hoje aprendem. Ele traz a necessidade de pesquisar o “choque geracional” entre ambos. Nesta pesquisa fizemos menção sobre os “imigrantes digitais” e os “nativos digitais” e suas peculiaridades. Esta constatação demonstra que este professor consegue fazer uma reflexão profunda para além do uso das mídias como ferramentas pedagógicas e sim problematizando as relações e percepções dos envolvidos, que deve ser o princípio de uma construção coletiva visando uma educação emancipadora.

Eles se movem em um **terreno que conhecem**. Eu, como criança que **cresceu na década de 90**, fui formado na **tradição da leitura de livros, revistas e jornais**. Penso que meus alunos (e boa parte das pessoas que conheço, na verdade) é avessa à ideia de ler algo maior do que uma página, até mesmo do que um post de tamanho médio no Facebook. Então, creio, **não se trata de cancelar integralmente esta nova tradição** que se forma (em que a **leitura é múltipla**, mas **difícilmente é uma leitura de maior fôlego**), muito menos de bater de frente com ela. Precisamos pensar em maneira de nos inserir no fluxo, **controlando-o ou deixando-o correr**, sempre em acordo com propósitos educativos. (Em verdade, **há um choque geracional que precisaria ser pesquisado**) (Prof. 10)

A questão 7 possibilitou conhecer as dificuldades e angústias que os professores vivenciam nas (im)possibilidades de uso no contexto escolar. No gráfico 11 é possível analisar os elementos elencados como os que mais dificultam o trabalho com as mídias.

Gráfico 11: Dificuldades e angústias dos professores em relação ao uso das mídias



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Conforme o gráfico acima, os professores sinalizam a necessidade de formação continuada (38%) e admitem que a falta de conhecimento por eles tenha influência no processo de inserção das mídias. Também apontam que a falta de pessoal qualificado (31%) e a falta de recursos aliada a uma escassa estrutura física (23%) criam obstáculos para o avanço neste processo. Inter-relacionando outros aspectos informados pelos professores conseguimos montar um quebra-cabeça que traz à tona a lógica de suas escolhas, inseguranças, relações e concepções.

Ainda neste aspecto, é notável que os professores assumiram diferentes motivos para as dificuldades encontradas, seja a partir do olhar sobre o conhecimento e postura do aluno, sobre os elementos que competem à uma melhoria na infraestrutura, ou a partir de um olhar mais amplo e apurado sobre este sistema complexo. Chama a atenção que somente cinco professores tenham se inserido nestas angústias reconhecendo sua responsabilidade ao admitir que a falta formação e conhecimento faça parte das dificuldades de uso. Vejamos algumas reflexões:

Me sinto no **século passado**, e **lamento** por não termos **melhores equipamentos e mais formação de como utilizar melhor** estes recursos. (Prof. 12)

O **choque geracional** me deixa **angustiado**. Eu venho de uma tradição em que o livro é fundamental, a leitura de fôlego mais ainda. Ao compreender que **o papel do educador é também dialogar autenticamente com o outro**, no sentido de tentar se colocar na perspectiva daquele que é diferente e vê o mundo de maneira diferente, **não vejo como não me angustiar diante da velocidade com que as novas gerações experimentam o mundo**. E as **mídias** de que nos valem estão enraizadas precisamente nesta **experiência extremamente veloz, dinâmica e horizontal da vida contemporânea**. O **descompasso com a temporalidade da escola** não poderia ser mais brutal. (Prof. 10)

Gostaria de **saber mais**. **Utilizar outros recursos**, onde **o aluno possa ser protagonista do seu aprendizado**.. (Prof. 9)

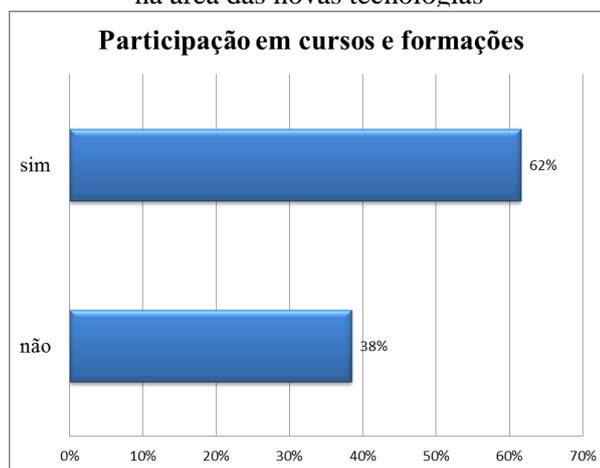
Os professores acima colaboram para que outras perspectivas sejam pensadas para uma mudança de paradigma da escola atual. A afirmação abaixo de Dannemann (2012) expressa a multiplicidade de elementos que escapam aos sujeitos que integram a educação e demarca a iniciativa do professor como ação fundamental para lidar com uma nova realidade.

O potencial para o desenvolvimento educacional e o impulso em direção às novas tecnologias depende ainda de muitas variáveis, que fogem do universo do professor, do gestor ou da escola. Mas, se querem fazer diferença mesmo diante da precariedade ou das adversidades, cabe aos educadores transformar em aprendizagem eficaz o uso de qualquer recurso interessante que abra uma nova possibilidade, uma nova chance para seus alunos. (2012, p. 44)

Essa vontade de aprender mais dos professores da escola investigada mostra que a resistência, por muito tempo sustentado como determinante de insucesso da entrada das mídias na escola, está em progressivo declínio.

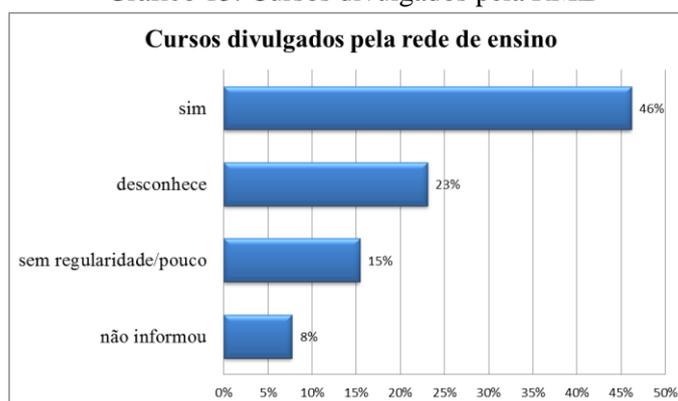
Prosseguimos agora investigando a formação continuada destes professores. Já sabemos que para a maioria deles a formação inicial se deu há bastante tempo, ou seja, na década de 80 e 90. Com relação à pós-graduação apenas 2 professores cursaram especialização na área, sendo o professor 11 cursando atualmente Mídias na Educação e a professora 13 com pós em Informática na Educação concluído em 1994. Vamos observar no gráfico 12 a participação dos professores em cursos de formação continuada sobre o uso de novas tecnologias em educação, e no gráfico 13 a proporção em que são oferecidos ou não pela RME:

Gráfico 12: Participação dos professores em cursos e formações na área das novas tecnologias



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Gráfico 13: Cursos divulgados pela RME

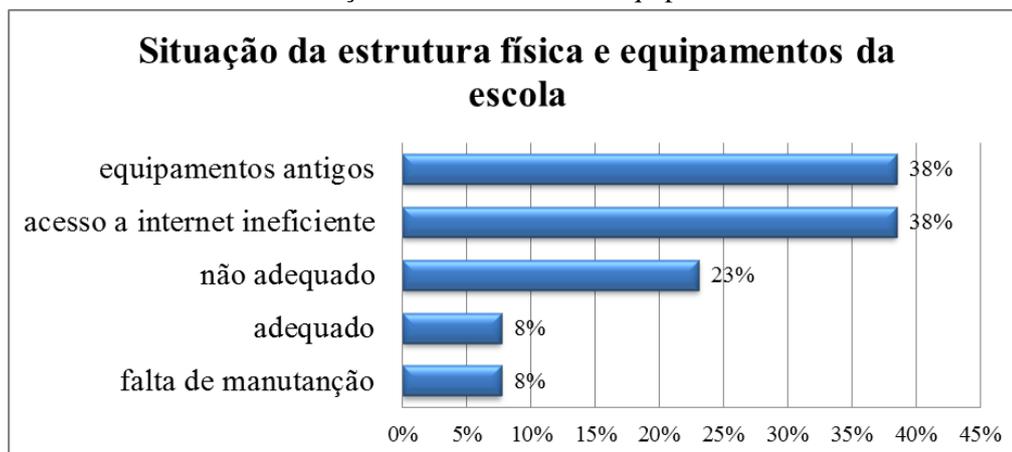


Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

No gráfico 12 podemos ver que do total de 13 professores 8 já participam de curso na área de mídias (62%) e destes, 6 afirmaram terem sido oferecidos pela RME. Um professor realizou fora e 1 não informou. A participação revela um percentual expressivo. Porém, nas respostas ficou aparente que isto aconteceu esporadicamente, através de colocações como “sem regularidade”, “pouco”. Dos professores que negaram participação, ou seja, os 5 restantes, 3 afirmam desconhecer cursos oferecidos pela mantenedora e 2 disseram saber que cursos já foram divulgados. Assim percebe-se que a Secretaria Municipal de Educação não tem uma política fortalecida nesta área.

Os professores nos questionários também enumeraram aspectos referentes a situação da estrutura física e de equipamentos na escola indicando também o que é necessário melhorar, conforme vemos abaixo:

Gráfico 14: Situação da infraestrutura e equipamentos da escola



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Gráfico 15: Indicações de melhorias na infraestrutura e equipamentos da escola



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

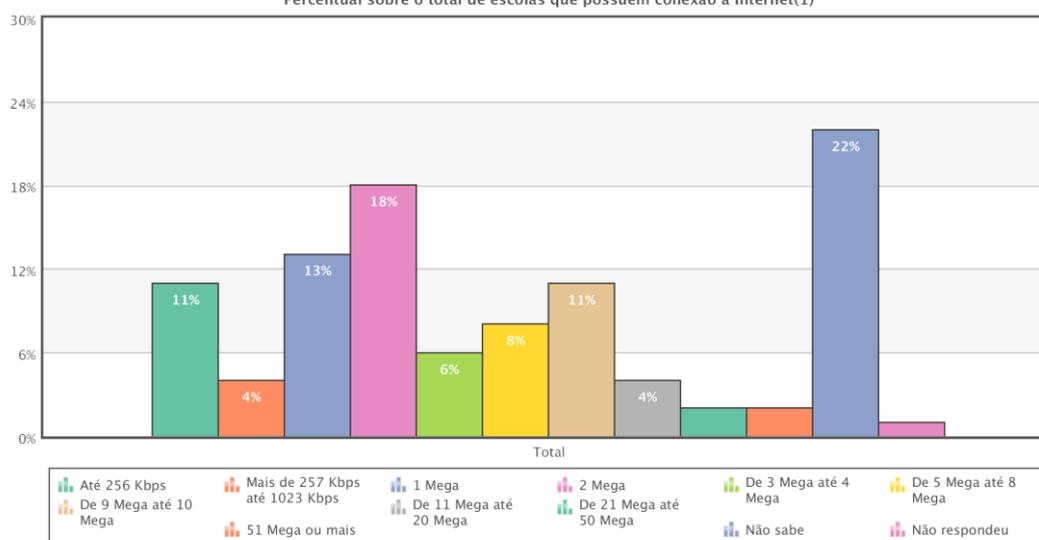
Pelas informações contidas no gráfico 14 acima percebemos uma avaliação negativa pela maioria dos professores no que se refere a qualidade da estrutura física e equipamentos da escola.

Os dados mais relevantes são: a existência de equipamentos antigos (38%) e a conexão ineficiente (38%). Por isso, em contrapartida os dados que aparecem no gráfico 15 entre as demandas por melhorias são: uma *internet* mais rápida (54%) e equipamentos com maior tecnologia (38%). Compõe os 3 aspectos mais urgentes a melhoria na infraestrutura (espaço físico, rede elétrica, rede Wi-Fi, etc). Em seguida, aparecem outros dois fatores de importância significativa que são a demanda por maior quantidade de computadores (23%) e de recursos humanos qualificados na escola.

Nas pesquisas TIC Educação as velocidades da conexão à *internet* também foram levantadas como um dos obstáculos no uso adequado das tic's. As velocidades de conexão divulgadas pelas escolas demonstram que este elemento ainda é um dos entraves para o uso adequado. O gráfico 16 coletado no *site* do Cetic permite visualizar a qualidade da velocidade de *internet* nas escolas brasileiras. Quase 50% das escolas pesquisadas no Brasil têm uma velocidade de conexão de até 2 Mega. Levando em consideração que conexões usadas nos domicílios estão na faixa dos 10 Mega, sendo esta uma conexão considerada eficiente, imaginemos as escolas utilizando conexões de 2 Mega ainda compartilhadas entre outros computadores. Podemos averiguar abaixo esta situação:

Gráfico 16: Proporção de escolas por velocidade de conexão à *internet*

D25 - PROPORÇÃO DE ESCOLAS, POR VELOCIDADE DE CONEXÃO À INTERNET
Percentual sobre o total de escolas que possuem conexão à Internet(1)



Percentual sobre o total de escolas que possuem conexão à Internet
(1) Base: 897 escolas que possuem conexão à Internet.

Fonte: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br).

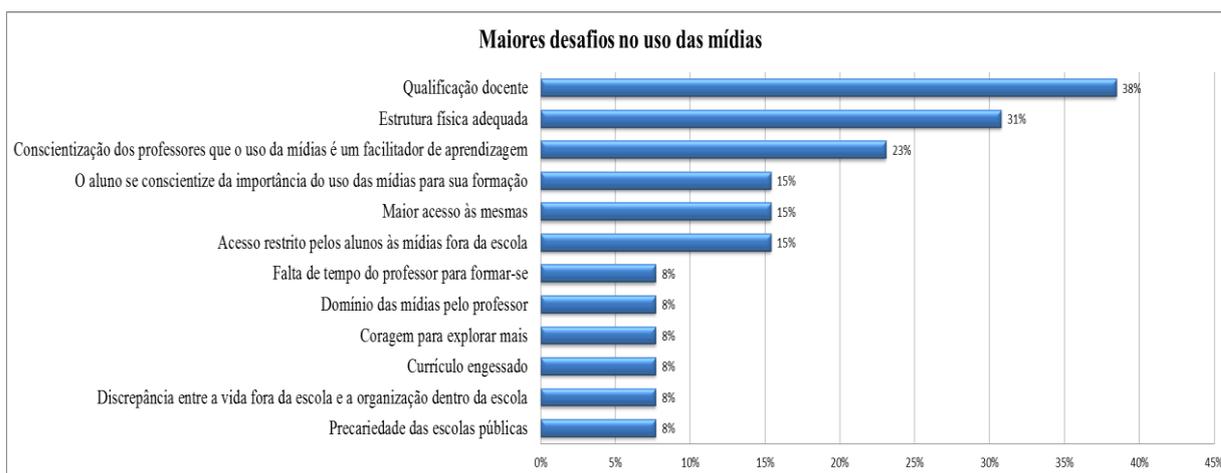
Fonte: http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_EDU&idUnidadeAnalise=Professor&ano=2013

A escola até o início desta pesquisa não dispunha de pessoal qualificado no Laboratório de Informática. Pouco tempo depois, a instituição recebeu a chegada de uma professora nomeada para atuar junto ao laboratório, professora esta que foi convidada a integrar a pesquisa devido a contribuição que sua formação poderia acrescentar ao trabalho. Portanto, é importante ressaltar que a escola deve ter vivenciado mudanças após este período e não corresponder atualmente à realidade coletada através dos questionários.

Em relação ao Laboratório de Informática foi questionado se os professores o conheciam e o utilizavam. Todos foram unânimes em dizer que conheciam, mas no quesito utilização 8 professores (62%) admitiram usá-la com “frequência”, 4 “utilizam pouco/raramente” e apenas 1 professor nunca utilizou. O fato de a escola apresentar a necessidade de aumentar o número de equipamentos e modernizá-los, e ainda até o momento não ter a parceria de um professor qualificado, os professores demonstram mesmo assim interesse neste espaço e isto é um ponto positivo.

As últimas duas questões (11 e 12) permitem que se faça um alinhavo entre desafios e possíveis aspectos que justificam seu uso como uma realidade atual ou distante desta escola. Antes de problematizarmos estas questões vamos conhecê-las através do gráfico 17:

Gráfico 17: Desafios no uso das mídias na escola



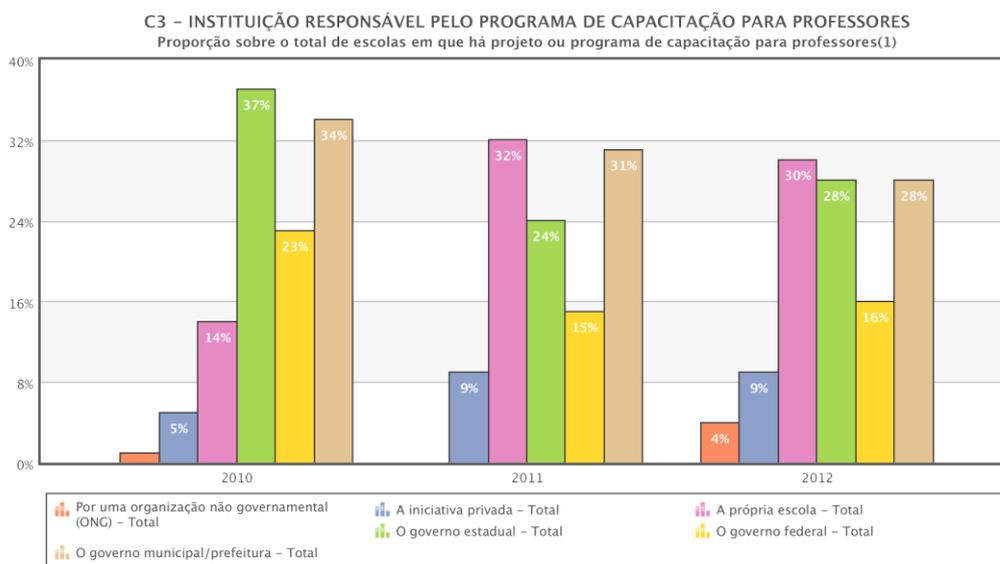
Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Aqui podemos observar uma igualdade entre as proporções das angústias e dificuldades dos professores e os maiores desafios que eles elegeram a serem superados, considerando os aspectos “pouco conhecimento/necessidade de formação” (gráfico 11) e “qualificação docente” (gráfico 17), ambos com 38%. Porém, dos 5 professores que citaram anteriormente a “falta de conhecimento/formação” como dificuldade, apenas 3 citaram posteriormente a “qualificação docente” como desafio. Dois professores que não haviam citado “pouco

conhecimento/necessidade de formação” como dificuldades, neste novo questionamento elencaram a “qualificação docente” como desafio. Podemos dizer então, que entre dificuldades e desafios a formação docente é demarcada como algo proeminente. Como desafios podemos ainda destacar aspectos que perpassam a formação docente como “conscientização dos professores que o uso das mídias é um facilitador de aprendizagem”, “domínio das mídias pelo professor”, “coragem para explorar mais”, falta de tempo do professor para formar-se”.

As pesquisas realizadas pelo Cetic no que tange a formação docente mostram resultados interessantes e que podemos correlacionar com as percepções dos professores da escola investigada. Analisando no gráfico 18, apresentado logo abaixo, a proporção de instituições responsáveis pelo programa de capacitação para professores nas escolas participantes da pesquisa mencionada, no período de 2010 a 2012, percebe-se que as escolas e a iniciativa privada tiveram um acréscimo de responsabilidade de formação dos professores enquanto as 3 esferas do governo - federal, estadual e municipal – tiveram uma redução na oferta de capacitação aos seus professores.

Gráfico 18: Instituição responsável pelo programa de capacitação dos professores



Proporção sobre o total de escolas em que há projeto ou programa de capacitação para professores
(1) Base: 233 escolas em que há projeto ou programa de capacitação para professores.

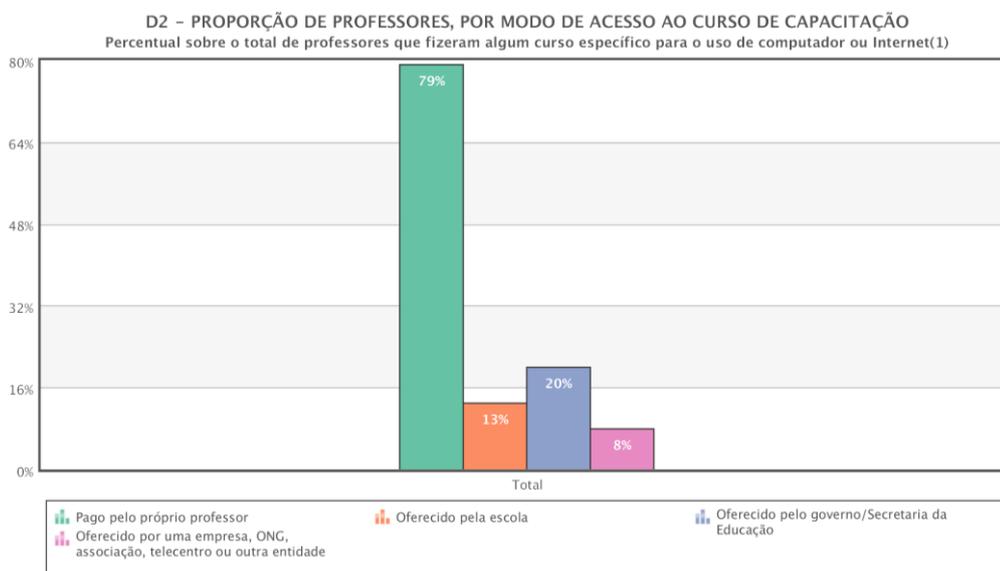
Fonte: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br).

Fonte: http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_EDU&idUnidadeAnalise=Professor&ano=2013

Esta mesma pesquisa também mostra a proporção de professores por modo de acesso ao curso de capacitação. 79% dos que fizeram algum curso pagaram o mesmo com recursos próprios contra 20% oferecido pelo “governo/Secretaria de Educação”. Mais uma vez é

possível inferir que as instituições governamentais responsáveis pela qualidade na educação não valorizam e priorizam a formação docente e ainda apresentam um decréscimo em sua oferta. Portanto, a iniciativa do professor não é contemplada por sua Secretaria de Educação correspondente. Os professores aqui investigados já haviam sinalizado que formações oferecidas pela RME têm pouca regularidade. Pode-se observar esta realidade no gráfico 19 a seguir.

Gráfico 19: Proporção de professores por modo de acesso ao curso de formação



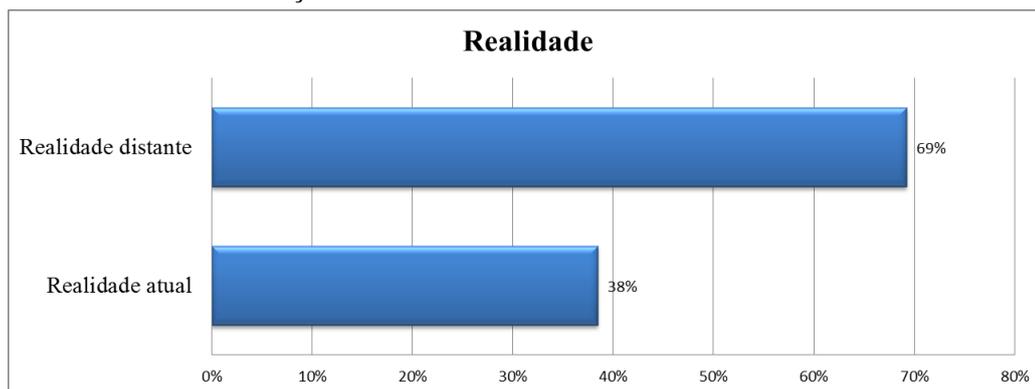
Percentual sobre o total de professores que fizeram algum curso específico para o uso de computador ou Internet
 (1) Base: 1005 professores que fizeram algum curso específico para usar computador ou Internet.

Fonte: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br).

Fonte: http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_EDU&idUnidadeAnalise=Professor&ano=2013

Com o conhecimento de todos os pontos levantados pelos professores da escola investigada, finalizamos com uma pergunta que abrange o somatório das percepções destes sobre o uso das mídias na escola. Este uso seria então uma realidade DISTANTE ou ATUAL de sua escola? Acompanhe as proporções das respostas no gráfico 20, aqui apresentado:

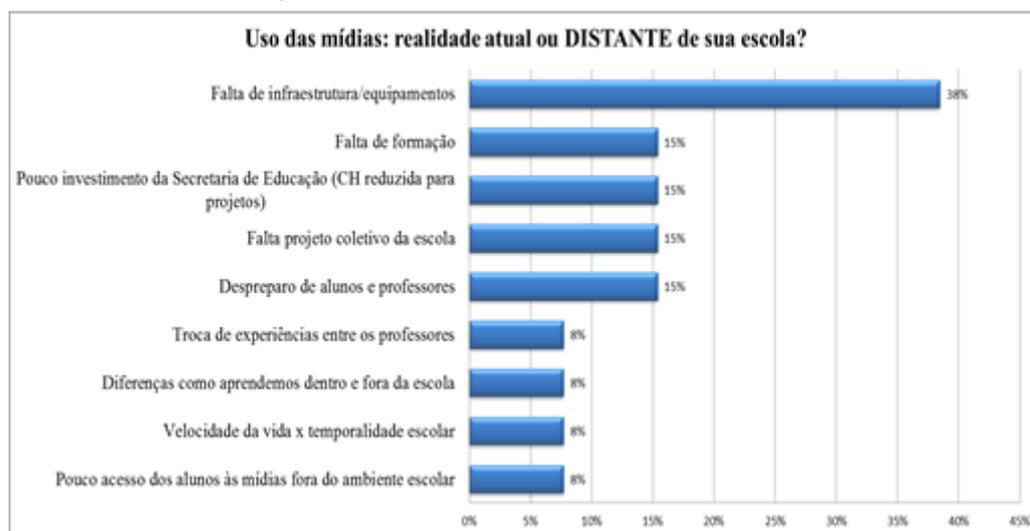
Gráfico 20: Situação do uso das mídias: Realidade DISTANTE x ATUAL



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Dos 13 professores questionados, 9 professores (69%) acreditam que o uso adequado das mídias dentro da escola ainda é uma realidade distante. As justificativas mais citadas, conforme mostra a seguir o gráfico 21 foram: “falta de infraestrutura/equipamentos” (38%), “falta de formação” (15%), “carga horária reduzida para projetos com pouco investimento da SMED” (15%), “falta de um projeto coletivo da escola” (15%), “despreparo de alunos e professores” (15%). A falta de infraestrutura e equipamentos ganha maior ênfase e destaque em relação a outros aspectos. Em outros momentos ela esteve bastante subjacente às questões de qualificação docente.

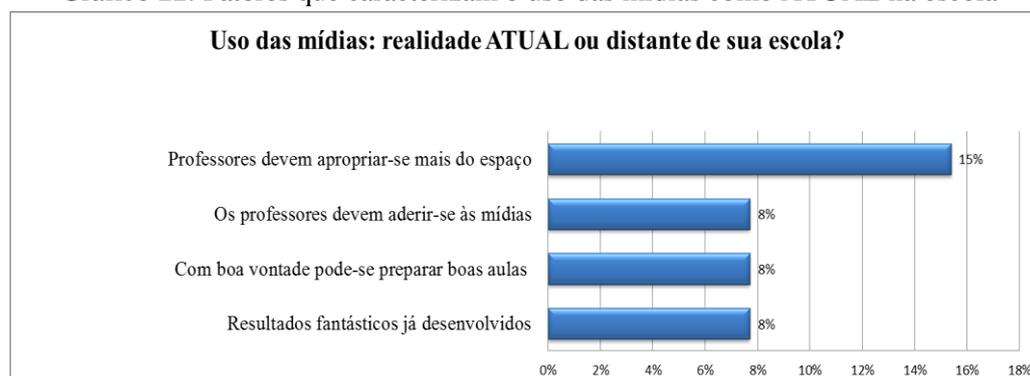
Gráfico 21: Fatores que caracterizam o uso das mídias como DISTANTE da escola



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Quanto aos professores que consideram o uso das mídias uma realidade atual (38%), eles fazem um adendo sobre o que pode avançar mais (gráfico 22). Mencionam que os professores devem apropriar-se mais do espaço, devem aderir-se às mídias e que com “boa vontade” os professores podem preparar “boas aulas”.

Gráfico 22: Fatores que caracterizam o uso das mídias como ATUAL na escola



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Alguns professores fizeram reflexões importantes sobre o contexto não só da escola onde atuam, mas sobre a educação atual. Dialogando entre os que acham a inserção e uso das mídias distante e atual, surgem subsídios para que se repense a aprendizagem de alunos e professores e se problematize as relações e funcionamento da escola como conhecemos hoje.

Acho que na minha escola pode fazer parte do cotidiano de várias turmas, temos um laboratório que é pouco explorado e usado pelos professores. **Os professores deveriam ter mais esclarecimento e troca de experiências para saber das possibilidades de uso.** (Prof. 5)

A utilização de mídias tem **avançado lentamente** no âmbito das escolas onde atuo, **devendo-se principalmente a interesses individualizados e não enquanto um projeto ou objetivo coletivo da escola.** (Prof. 11)

Há **desafios de todos os tipos**. Em primeiro lugar, podemos atestar a **precariedade da vida de boa parte dos alunos da educação pública**, que têm acesso limitado à internet, a computadores, tablets, etc. Em segundo lugar, a **precariedade das próprias escolas**. Pouco tempo atrás correu a informação de que 70% das escolas brasileiras não possuem biblioteca. É plausível pensar, portanto, que elas também não têm um laboratório de informática, por exemplo. Em terceiro lugar, há uma **difficuldade pedagógica mais profunda**, que possui relação com o **descompasso brutal entre as formas com que a vida das pessoas se autoorganiza e as formas pelas quais a escola funciona**. Hoje, há horizontalidade nas relações, há produção própria de conhecimento, as relações são mais fluídas, transitamos entre diferentes grupos, entre diferentes conhecimentos, entre diferentes mídias – na maioria das vezes, fazendo tudo ao mesmo tempo! Compare com a organização da escola, que lembra um sistema fabril, em que há uma **verticalidade assustadora (professor x alunos)**, com um **currículo engessado**, com **conhecimentos que não despertam a mínima curiosidade do aluno**. Como inserir, por exemplo, a internet (e seus aparelhos: tablets, smartphones, notebooks, etc.), então, sem que isso se torne mais uma forma de verticalidade? Como configurar a autoridade do professor (diferente de autoritarismo) com esta fluidez insana da internet? São **perguntas que me parecem fundamentais para pensarmos a escola que desejamos**. (Prof. 10)

... na conjuntura atual, **nem o professor (a maioria, inclusive eu) nem os alunos** estão preparados para o **uso adequado das mídias na aprendizagem..** (Prof. 4)

É necessidade de estar **atento às mudanças**. Exige a necessidade de **innovar e criar novas estratégias de aprendizagem**. O educador deve se colocar no lugar de um **eterno aprendiz**, que busca formação contínua. (Prof. 13)

Aspectos relevantes apareceram nas respostas dos professores não só quanto à falta de infraestrutura, modernização da escola e qualificação docente, mas também no que diz respeito à aprendizagem e aos fundamentos da educação. Estes aspectos embora levantados por uma menor parcela de professores devem ser aliados à uma reflexão maior que o uso das mídias exige.

Os professores de modo geral reconhecem o valor que as mídias têm na motivação dos alunos e como facilitador na aprendizagem, mas mostram-se ainda com práticas pouco inovadoras frente ao potencial que as mesmas apresentam. Há a necessidade de maior conhecimento das possibilidades de uso e um engajamento maior no sentido de modificar as ações e relações existentes entre todos os envolvidos na escola, numa construção coletiva.

Vale salientar que o tempo de docência e o tempo de formação não foram fatores que influenciaram nas respostas dos professores quanto a ser “contra” ou a “favor”, nem determinante para que usassem com maior frequência ou não.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises dos questionários e da significação das respostas que buscam entender as relações e concepções dos professores sobre o uso das mídias foi possível refletir e fazer cruzamentos considerando o perfil dos professores, sua prática docente, seu conhecimento e suas vivências com as mídias.

Este estudo foi iniciado porque a própria pesquisadora questionou suas escolhas e metodologias, constatou com as reflexões construídas no curso de Mídias na Educação a relevância da formação docente, e observou uma distância entre estes estudos e as experiências com as mídias na escola investigada. As mídias trazem uma permanente interrogação sobre a educação, sobre o ensino-aprendizagem e as possibilidades inovadoras criadas através de seu uso, apresentando ainda nos dias de hoje no campo educacional, especialmente na educação básica, pouca evolução e muitos desafios dentro das escolas.

Este trabalho permitiu a partir de um contexto real perceber e relacionar diferentes fatores que fazem professores optar em inserir ou não as mídias no seu fazer docente, independentemente das inúmeras barreiras que se apresentam, sejam de ordem formativa, estrutural, administrativa, pedagógica ou da ausência de políticas públicas efetivas. No início deste trabalho foi exposto que a expectativa inicial era ter a participação de um número em torno de 50 professores. Tivemos a participação de apenas 13 professores. Aqui já seria possível supor que a pouca participação teria correlação com uma falta de intimidade com o assunto, ou receio em compartilhar suas dificuldades com este tema.

O professor, na complexidade de suas ações, fica imerso e por vezes paralisado nos paradigmas que se apresentam. Os professores desta pesquisa necessitam de maior conhecimento tanto no que se refere à conceituação das mídias quanto ao seu uso, atrelado pelos mesmos a um uso mais superficial e de apoio pedagógico, de complementação ao que se estuda em sala de aula e não como meio que possibilite ao aluno expressar-se, comunicar-se, apropriar-se de sua própria aprendizagem.

Em relação às condições que (im)possibilitam o uso das mídias surgiram inúmeros aspectos como a falta de infraestrutura, a falta de conhecimento e de políticas fortalecidas da mantenedora. Os professores consideram também o uso destas uma realidade distante da escola perante todos os elementos destacados pelos mesmos. Porém, nota-se que a maioria reconhece o potencial das mídias na aprendizagem, mas as inserem de forma rasa, evidenciando a importância da formação na área. Como pudemos observar, o professor participante da pesquisa que está concluindo o curso de Mídias na Educação, circulou com

maior propriedade e objetividade nas questões que as mídias levantam. Isto demarca a formação nesta área como indispensável para propor ações diferenciadas e reflexivas com as mídias.

O tempo de docência e a idade dos professores estiveram a todo instante sendo perpassados nas relações dos professores com as mídias. Nesta pesquisa vimos que muitos professores se formaram há bastante tempo e a maioria tem entre 30 e 50 anos, o que leva a deduzir que a maioria cresceu numa época em que as relações com as mídias não tinham a intensidade que hoje se apresenta. E este fato não esteve correlacionado com as falas e práticas dos professores. Tanto professores que seriam considerados “nativos digitais” e professores que poderiam ser considerados “imigrantes digitais” apresentaram aproximações ou distanciamentos, entusiasmo ou desinteresse. A inserção ou não das mídias nas práticas docentes não foi determinada pelas experiências anteriores com as mídias e sim, mais pela visão de educação e aprendizagem desses professores.

Através dos resultados percebemos que a maioria dos professores tem pouca resistência no uso das mídias e demonstram interesse em aprender mais. Neste momento, reforçamos que a formação continuada no caso dos professores desta pesquisa só agregaria benefícios visto que estes professores demonstram iniciativa e vontade, mesmo que tímidas, de inserir as mídias em suas práticas. Certamente, a escola não contemplará por completo o uso das mídias em todas as suas especificidades sem que investimentos sejam priorizados pelos governos, a formação inicial do professor seja fortalecida nas universidades, que as escolas repensem seus projetos político-pedagógicos. Mas, nós professores não podemos aumentar a distância entre nossos alunos e a escola. Não podemos esperar o “ideal”. Precisamos com o que temos disponível ensinar e aprender, construir e compartilhar conhecimento, lançar novas perspectivas à prática docente e à relação do aluno com o saber.

Para que o estudo atingisse um panorama mais completo seria necessário investigar o que pensam também os alunos sobre o uso das mídias, pois assim haveria um contraponto com os discursos dos professores, dialogando com as visões de educação e de uso de recursos digitais dos alunos na escola. É fundamental entender como o aluno pensa, interage e aprende a partir desta perspectiva. É preciso transformar a escola em um espaço de criação, interação, trocas de informação e conhecimento, de produção. Mas, para que isto aconteça o professor deve rever sua concepção de educação, de professor e de aluno, de aprendizagem. Nesta pesquisa infelizmente devido a diversos motivos não foi possível incluir os alunos como sujeitos da pesquisa. A discussão aqui apresentada não se encerra e possibilita que novos olhares sobre a temática contribuam a novas significações.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Eliane Vigneron Barreto. FLÔRES, Maria Lucia Pozzatti. **Objetos de aprendizagem: conceitos básicos**. In:TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach **Objetos de Aprendizagem: teoria e prática/ Organizadores Liane Margarida Rockenbach Tarouco, Bárbara Gorziza Ávila, Edson Felix dos Santos e Marta Rosecler Bez, Valeria Costa**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Biaconcini. **Tecnologias trazem o mundo para a escola, 2008. Disponível em:**

<http://www.eprinfo.mec.gov.br/webfolio/Mod83230/pdf/Tecnologias%20trazem%20o%20mundo%20para%20a%20escola.pdf> Acesso em: 20 ago 2015.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-Educação**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.

BRASIL (1996). Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 9.394, de 20 de dez. 1996. **Disponível em:** <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso em: 14 jul 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Mídias na Educação: Módulo Introdutório - Integração de Mídias na Educação. **Disponível em:** http://penta3.ufrgs.br/MEC-CicloAvan/integracao_midias/modulos/1_introdutorio/etapa_1/p1_01.html Acesso em: 09 maio 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Mídias na Educação: Módulo Introdutório - Integração de Mídias na Educação. **Quais os principais desafios da Educação? Disponível em:** http://penta3.ufrgs.br/MEC-CicloAvan/integracao_midias/modulos/1_introdutorio/etapa_2/p2_01.html Acesso em: 24 jul 2015.

CETIC. **Disponível em:** <http://cetic.br/pesquisa/educacao/> Acesso em: 26 jun 2015.

DANNEMANN, Angela Cristina. **O desafio do uso da tecnologia na prática da sala de aula**. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil [livro eletrônico]: TIC Educação, 2012 São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.

MORAN, José Manuel. MASETTO, Marcos T. e BHERENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

PRENSKY, Marc. **Nativos e Imigrantes Digitales. Disponível em:** <http://craig.com.ar/biblioteca/Nativos%20e%20Inmigrantes%20Digitales%20-%20Marc%20Prensky.pdf> Acesso em: 28 jun 2015.

SAMPAIO, Marisa Narcizo. **Alfabetização tecnológica do professor**. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1999.

TORNAGHI, Alberto. **O que é cultura digital**. In: Cultura digital e escola. Brasília: MEC/SEED. Ano 20, boletim 10, p.13-21. 2010. **Disponível em:**

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015230.pdf> Acesso em: 29 jul 2015.

VEEN, Wim. **Homo Zappiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação
Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu*

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A pesquisadora Carolina Israel Monticelli, aluna regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação** – Pós-Graduação *lato sensu* promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do Professor Érico Amaral, realizará a investigação “CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E SUAS RELAÇÕES NO USO DAS MÍDIAS EM EDUCAÇÃO”, junto a uma escola municipal de Porto Alegre no período de 01/03/2015 à 30/06/2015. O objetivo desta pesquisa é investigar, conhecer e problematizar as relações e concepções de professores sobre o uso da mídia em educação.

Os (As) participantes desta pesquisa serão convidados(as) a tomar parte da realização de um questionário aplicado.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade da pesquisadora a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

A pesquisadora compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do *e-mail*: _____ .

Porto Alegre, 12 de abril de 2015.

